

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS
RELAÇÕES POLÍTICAS**

FILIPE LOMBA GARCIA ROZA

**THOMAS CARLYLE: MEDIEVALISMO E CONSERVADORISMO
REFORMISTA NA OBRA *PAST AND PRESENT* (1843)**

VITÓRIA

2019

FILIFE LOMBA GARCIA ROZA

**THOMAS CARLYLE: MEDIEVALISMO E CONSERVADORISMO REFORMISTA NA
OBRA *PAST AND PRESENT* (1843)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Orientador: Dr. Antonio Carlos Amador Gil.

Co-orientador: Dr. Fabio Muruci dos Santos.

VITÓRIA

2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. INGLATERRA E HISTORIOGRAFIA	17
1.1. A condição social da Inglaterra <i>oitocentista</i>	17
1.2. Historiografia	28
1.3. Carlyle e o Fascismo	38
2. MEDIEVALISMO	44
3. CONSERVADORISMO, REFORMISMO E LIDERANÇA.....	58
3.1. A ideologia conservadora e a resistência à Modernidade	58
3.2. Reação e contrarrevolução <i>maistreana</i>	68
3.3. Reformismo e liderança <i>carlyleana</i>	72
CONCLUSÃO.....	91
BIBLIOGRAFIA	95

FILIFE LOMBA GARCIA ROZA

**THOMAS CARLYLE: MEDIEVALISMO E CONSERVADORISMO REFORMISTA NA
OBRA *PAST AND PRESENT* (1843)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em História. Área de concentração: História Social das Relações Políticas.

Aprovada em _____ de _____ de 2019.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Antonio Carlos Amador Gil
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Orientador

Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Co-Orientador

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
Examinador Externo

Prof. Dr. Ueber José de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Examinador Interno

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

- G216t Garcia Roza, Filipe Lomba, 1991-
Thomas Carlyle: Medievalismo e conservadorismo
reformista na obra Past and Present (1843) / Filipe Lomba
Garcia Roza. - 2019.
98 f.
- Orientador: Antonio Carlos Amador Gil.
Coorientador: Fabio Muruci.
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.
1. Thomas Carlyle. 2. Medievalismo. 3. Conservadorismo. 4.
Reformismo. 5. Século XIX. I. Gil, Antonio Carlos Amador. II.
Muruci, Fabio. III. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 93/99

Como sempre, à Renata Lomba.

AGRADECIMENTOS

O tempo passa e a parte dos agradecimentos continua a mais complicada, não apenas por essa dissertação ter sido fruto de uma extensa e (algumas vezes) desesperadora atividade solitária, mas pelo medo de esquecer-me de alguém que torceu por mim durante esses anos árduos, que me deu a mão e me fez não desistir ou que fez certos apontamentos que me deram um norte quando me encontrei perdido.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus familiares – minha mãe, meus irmãos, meus dois pais e minhas avós – agradeço pelo privilégio do incentivo na minha paixão por história. Preciso sempre destacar o amor e apoio de minha mãe, que nunca me deixou esmorecer pelos percalços desse grande jogo que é a vida; por sempre estar comigo e por ter me dado – a custo de muita luta – a oportunidade de nunca ter sido privado das mínimas condições emocionais e financeiras que todos os seres merecem, mas que infelizmente não é a realidade de meu país; não é a realidade de um povo solapado e humilhado pelas oligarquias e pelos caprichos de grandes corporações que tratam os indivíduos como meras ferramentas de mercado e jogam a solidariedade e o afeto à meras necessidades pontuais utilitárias.

Meu carinho e reconhecimento especial à jornalista Me. Jemima Bispo pelo apoio constante à busca pelos meus sonhos, pelas correções nas primeiras versões e por ser tão especial para mim; sempre será. Agradeço aos meus dois professores – e grandes amigos – que me despertaram o interesse pela historiografia inglesa, Me. César Haueisen Zimerer Perpétuo e Me. Hugo Ricardo Merlo; sempre grato pelos ensinamentos e pelos momentos felizes. Trago aqui a valiosa lembrança das inúmeras contribuições e momentos especiais de meus companheiros e amigos de profissão: Abner Madeira Wotkosky, Me. Thiago Brito, Domenique Soler, Me. Rüsley Biasutti, Taynna Marino e Juliana Zaninho. Minha gratidão aos demais amigos e colegas de profissão pelo carinho e apoio: Me. Aline Lima Pereira, Me. Gabriel

Angra, Bryan Lopes, Daniel Endriger, Gustavo Moraes, Igor Cometti, Arthur Stockton, Ricardo Ricieri, João Vitor Zanon e Pedro Aguiar. Meu carinho especial para meu grande amigo Vitor Caliarí (1992-2019), por nunca ter faltado com a gentileza, lealdade e dedicação; vá em paz, meu querido amigo.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Antonio Carlos Amador Gil e ao meu co-orientador, professor Dr. Fabio Muruci dos Santos pela incomensurável paciência e contribuição para a realização desta dissertação; obrigado por tudo.

Só posso ser grato às contribuições dos demais professores que convivi durante meu mestrado: professor Dr. Julio Cesar Bentivoglio, por sempre tirar um pouco de seu tempo para uma boa conversa e por grandes ensinamentos em Teoria da História e Historiografia; professor Dr. Josemar Machado de Oliveira e aos professores que me deram valiosos apontamentos desde minha qualificação: professor Dr. Ueber José de Oliveira e Dr. Marcelo Rangel.

Meus agradecimentos à FAPES pelo apoio financeiro fundamental para a realização dessa pesquisa.

Esta dissertação também é um agradecimento por todos os governos que se empenharam na universalização da educação e na implantação de programas sociais que deram um fio de esperança aos que sempre sofreram. O presente trabalho é uma tentativa de melhor elucidação do pensamento conservador e possui a finalidade didática de ordenar minimamente essa ideologia hoje tão reivindicada pelos que se encontram no poder. Em momento algum procurei travar um debate de igual para igual com os obscurantistas e anti-intelectuais que sustentam ideologicamente o Estado atual; a esses: o ostracismo

Resumo: Esta dissertação pretende elucidar as inclinações e proposições políticas do historiador escocês Thomas Carlyle, com a finalidade de discutir suas relações com a ideologia conservadora moderna a partir de sua obra *Past and Present* (1843). Para tanto, tal obra se centrará no debate acerca do *medievalismo* como característica marcante dos escritores românticos do século XIX e sobre o conservadorismo reformista de Thomas Carlyle, destacando suas diferenças com outros fenômenos do conservadorismo no mesmo século. Apesar da maior ênfase em *Past and Present*, a obra *Os heróis* (1841) também estará presente para discussões acerca da escrita da História *carlyleana*. A análise dessas obras é de fundamental importância para definirmos o lugar de Thomas Carlyle nos grandes temas – como política, democracia, liberdade e religião – que ainda são debatidos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Thomas Carlyle; Medievalismo; Conservadorismo; Reformismo; Século XIX.

Abstract: This study aims at elucidating the political inclinations and propositions of the scottish historian Thomas Carlyle, with the purpose of discussing his relationship with modern conservative ideology from his work *Past and Present* (1843). To do so, this work will focus on the debate about medievalism as a defining feature of nineteenth-century romantic writers and on Thomas Carlyle's reform conservatism, highlighting its differences from other phenomena of conservatism in the same century. Despite major emphasis on *Past and Present*, the work *On Heroes* (1841) will also be present for discussions about the writing of *carlylean* History. The analysis of those texts is fundamentally important for defining Thomas Carlyle's place in the great themes – politics, democracy, freedom, and religion – that are still debated contemporarily.

Keywords: Thomas Carlyle; Medievalism; Conservatism; Reformism; Nineteenth-century.

INTRODUÇÃO

Natural de Ecclefechan, pequena cidade da Escócia, em 1795, Thomas Carlyle veio de uma família de origem humilde e intensamente ligada à religião calvinista. Formou-se em teologia pela Universidade de Edimburgo, na Escócia com apenas 18 anos de idade. Tal formação religiosa ecoou ao longo de toda a sua extensa obra que englobou ensaios, panfletos e livros. Seus novos rumos profissionais – além de sua dedicação ao estudo do direito – e, conseqüentemente, seu distanciamento da meta de virar ministro da Igreja da Escócia foram atribuídos à sua conhecida crise de fé, associada ao impacto do ceticismo racionalista da própria Universidade de Edimburgo. Foi em seu primeiro contato com obras de escritores alemães românticos e idealistas que Carlyle pôde buscar novos caminhos para sua fé. A partir desse contato na década de 1820, Carlyle passou a desempenhar a função de tradutor de obras alemãs, como *Wilhem Meister*, de Goethe, em 1824, além de ter produzido diversos ensaios como crítico literário dessas obras¹. Segundo o historiador Jurandir Malerba, “[...] Carlyle praticamente introduziu a literatura e a filosofia alemãs contemporâneas para o público inglês. Sua tradução da obra de Goethe foi incensada pela crítica especializada²”. Casou-se em 1826 com Jane Welsh e – após oito anos residindo com sua esposa na Escócia – fixaram residência em Londres em 1834. Por mais que já houvesse visitado a Inglaterra em períodos correspondentes à sua formação, foi nessa mudança que Carlyle se inseriu nos círculos intelectuais londrinos e iniciou sua amizade com John Stuart Mill. Porém, foi ainda no final da década de 1820 que Carlyle passou a se dedicar à produção de escritos para além de suas traduções e elogios aos românticos alemães, muitos deles como uma tentativa de compreensão do mundo em que se situava.

¹ LOPES, Renato. Thomas Carlyle (1795-1881) In: MARTINS, Estevão Rezende (Org.). **A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 18.

² MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 192.

Em 1829, com a publicação na *Edinburgh Review* intitulada *Sign of the Times* (Sinal dos Tempos), Carlyle fez sua primeira contribuição para o pensamento social de seu tempo. Tal ensaio foi uma resposta direta à Inglaterra vitoriana; com uma ferrenha crítica ao industrialismo (palavra de cunho do próprio Carlyle) e às novas formas de relações sociais presentes. Em sua obra *História da Revolução Francesa*, de 1837, Carlyle encarou o movimento revolucionário como um movimento esperado, levando em conta a situação degradante do povo francês sob o comando de Luís XVI, o monarca “isento de faculdades”.

[...] Carlyle percebia a Revolução Francesa como um julgamento sobre a loucura e o egoísmo da monarquia e da nobreza. Essa ideia singela foi apoiada com um volume imenso de detalhes bem documentados e uma habilidade notável para caracterizar os personagens [...] ³.

Com *Os heróis* (1840) e *Past and Present* (1843), Carlyle clarificou suas propostas para o apaziguamento desse presente mecanizado; enquanto a obra de 1840 fazia um manifesto sobre as qualidades de um líder e estadista, a segunda buscou no medievo o modelo de fé e ordenamento tão caros para Carlyle. Polêmico ao final de sua vida com seus *Latter-Day Pamphlets*, Carlyle passou a se distanciar de qualquer proposta que envolvesse a melhoria das condições de vida do povo e passou a se dedicar ao culto ao líder quase que de forma absolutista, valorizando o estadista e as aristocracias europeias⁴. Chegou ao ponto de escrever ensaios contra a abolição da escravidão, tendo John Stuart Mill rompido amizade com o escocês pelos seus escritos. Devido a essa inflexão em suas escritas, Carlyle tornou-se – ao longo de sua velhice – recluso e solitário; faleceu em 5 de fevereiro de 1881 em Londres e foi enterrado em sua terra natal, em Ecclefechan⁵.

³ MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 193.

⁴ WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1969, p. 101.

⁵ MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 195.

A problemática a ser colocada em evidência na pesquisa é justamente a análise das proposições *carlyleanas* como partes integrantes de um regime de escrita histórica influenciada pelo Romantismo e inseridas num espectro conservador. Em *Os heróis*, Carlyle escreveu que os grandes homens, os heróis, os líderes, aqueles que encaminham os demais, deveriam ser nossos espelhos. O grande homem *carlyleano* não era produto de seu meio, mas produto de seu intelecto. Pode-se afirmar que uma nação soberana e próspera é aquela com um líder que concentra os poderes. Aos nossos olhos, essas proposições marcam um latente traço de elitismo, o qual será aprofundado. Entretanto, essa pesquisa visa o estudo desses conceitos antes de inseri-los em categorias pré-estabelecidas. O historiador brasileiro Jurandir Malerba, sobre uma passagem da obra *Past and Present*⁶, elucida o traço de governo forte nos escritos de Carlyle:

Carlyle contrasta o governo sábio e forte de um abade medieval *vis-à-vis* a suavidade desordenada e o caos do século XIX, pronunciando-se francamente em favor do primeiro, não obstante o fato de ter rejeitado a cristandade dogmática e manifestado uma especial aversão para com a Igreja Católica Romana⁷.

Carlyle oferece o ponto de vista do líder como uma forma de escrita da História e considera que a História Universal nada mais é do que a trajetória dos grandes homens e seus feitos. O herói faz o seu tempo, não o oposto. Se o tempo fizesse o herói, nenhum tempo se afundaria em ruínas⁸.

⁶ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.; E.P. Dutton & Co., 1924.

⁷ MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 193-194.

⁸ CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 19. Nesse caso o uso de “tempo” foi interpretado como “época”, não como conceito historiográfico tratado de forma aprofundada no século XX pelo filósofo alemão Hans-Georg Gadamer e por seu conterrâneo e historiador Reinhart Koselleck; GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998; KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

Sobre a perspectiva da escrita da História a partir dos grandes homens, cabe destacar a obra da historiadora francesa Sabina Loriga ⁹, que trata do uso da biografia na escrita da História e suas problemáticas. O uso dessa obra da historiadora contribui para o enriquecimento do debate para se compreender o já ultrapassado e, por que não, elitista conceito de História dos grandes homens e grandes acontecimentos.

A virada do século XVIII para o XIX veio acompanhada de uma profunda transformação sociopolítica, intelectual e econômica, especialmente pela industrialização das grandes cidades europeias e pela Revolução Francesa, consolidando ainda mais os interesses da chamada burguesia. Carlyle enxergou, no meio de uma sociedade individualizada, racional e industrialista, a degradação da nação inglesa; que só seria salva pelo retorno ao culto ao herói e líder. Um dos problemas a serem debatidos serão a noção de liderança e seus atributos, a necessidade dessa liderança numa sociedade e o reformismo presente na obra *Past and Present*. Sabe-se que muito do conservadorismo nos séculos XIX e XX foi tratado como oposição ao Iluminismo do XVIII, especialmente ao racionalismo, oposição latente no movimento romântico também – embora seja um reducionismo tratar o pensamento conservador como uma simples reação ao Iluminismo. Melhor seria tratá-lo como reação ao que se chama de Modernidade, desde o pensamento racionalista e cientificista, quanto a estruturação social e as relações de trabalho provenientes da modernização do trabalho por meio da industrialização. A crítica à razão e aos intelectuais iluministas, com o consequente desencantamento do mundo, foi uma das principais problemáticas discutidas por Carlyle em sua obra *Os heróis*: “[...] A ciência tem-nos feito muito; mas é uma pobre ciência que nos oculta a grande, profunda e sagrada infinidade da nesciência, onde nós nunca podemos penetrar, sobre a qual a ciência sobrenada como mera membrana superficial [...]” ¹⁰.

⁹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

¹⁰ CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 15.

Num primeiro momento, será pertinente ambientar a Inglaterra do século XIX e suas condições para, posteriormente, colocar as obras do escocês em debate acerca de suas contribuições para a escrita da História do século XIX, analisando suas características que o diferem dos demais historiadores do mesmo período. Perceberemos que a escrita histórica *carlyleana* passou por diversos momentos, os quais serão distinguidos.

Dedicar-nos-emos no segundo capítulo aos escritos de Carlyle frente à sua idealização do medievalismo britânico como uma tentativa de reestruturar o presente mecanicista; perceberemos que o medievalismo foi fundamental para a imaginação histórica do escocês frente a uma sociedade mecanicista e impessoal. Skinner nos diz que, para além dos textos canônicos de um pensador, é necessário o aprofundamento das condições e contextos em que o pensador viveu.

No terceiro capítulo, trataremos das discussões acerca do pensamento conservador e sua exigência de assumir – por parte de diversos filósofos de sua concepção – um caráter não ideológico. Posteriormente, faz-se necessário o aprofundamento no conceito de “Modernidade” pelo historiador alemão Reinhart Koselleck, com o intuito de analisarmos como o conservadorismo se muniu de suas ferramentas em seu combate. São inúmeras as discussões e pesquisas historiográficas, nas humanidades como um todo, sobre as doutrinas de direita e sobre as correntes historiográficas do século XIX. Em relação às concepções acerca do conservadorismo, podemos citar a obra de Andrew Vincent sobre as principais correntes ideológicas modernas¹¹. A recente tese de doutorado do cientista político turco Doğançan Özsel sobre as linhagens e caminhos do

¹¹ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

conservadorismo¹², a dissertação de mestrado do historiador brasileiro José Miguel Nanni Soares sobre o francês contrarrevolucionário Joseph de Maistre, na qual existe um aprofundamento e debate sobre as *direitas*¹³, além da tradução inédita em português da obra do francês¹⁴, podem nos dar luz sobre as concepções tradicionalistas e anti-iluministas que resistiam frente à aceleração temporal da Revolução Francesa¹⁵ e ao progressismo europeu do século XIX. Debruçar-nos-emos sobre a obra *Past and Present* para tratar das atribuições do líder e do conservadorismo radical de Carlyle para reestruturar a sociedade industrial tendo o medievo imaginado como inspiração para tais proposições. Para se compreender um pensador como Carlyle, é necessário defender a singularidade e a dificuldade de se inserir um autor dentro de uma corrente ou dentro de uma linha cronológica do pensamento ocidental que se mostre coesa. Essa tentativa de achar que cada autor contribuiu com uma doutrina para a constituição de alguma disciplina faz com que o pesquisador corra o risco de cair no erro de tentar encontrar um viés ideológico de seu ator em estudo em cada afirmação deste. Skinner chama esse equívoco de “mitologia das doutrinas”¹⁶. É dentro dessa “mitologia” que será necessário um cuidado redobrado no estudo sobre Carlyle – especialmente na chamada “biografia intelectual” – e sobre a tentativa de investigar uma possível relação sua com um profascismo. Segundo Skinner “o perigo mais recorrente com a biografia intelectual é o do anacronismo. Pode ter-se ‘descoberto’ que um dado autor defendeu uma perspectiva, devido a

¹² ÖZSEL, Doğançan. **Challenging the Conservative Exceptionalism: Theme of Change in the Conservative Canon**. A thesis submitted to The University of Manchester for the degree of Doctor of Social Science in the Faculty of Humanities. Manchester, 2011.

¹³ SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

¹⁴ MAISTRE, Joseph de. Considerações sobre a França. In: SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

¹⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹⁶ SKINNER, Quentin. **Visões da Política: sobre os métodos históricos**. Algés: Difel, 2005, p. 84-85.

um acaso de semelhança terminológica, sobre um argumento que ele não tinha em mente [...]”¹⁷. Torna-se então necessária a vigilância para não cairmos em um anacronismo ao analisarmos certas afirmativas de Carlyle. Anacronismo e equívocos esses que podem nos prejudicar da mesma forma se inserirmos apressadamente Carlyle numa doutrina conservadora sem as obras de apoio necessárias para essa realização, pois o romantismo foi uma manifestação que transcendeu o caráter político; um resgate de valores e sentimentos que ultrapassam definições políticas pós-Revolução Francesa.

O presente estudo surgiu como consequência de uma efervescência no cenário político brasileiro nos últimos anos. Como tentativa de se afastar dos chamados “vícios” da esquerda, muitos escritores de direita retornaram com a defesa de um conservadorismo político ausente de ideologias. Esses escritos, somados aos projetos antidemocráticos da livre-docência por essa histeria anti-ideológica motivaram este estudo para minimamente ordenar o pensamento conservador e reafirmar a falácia que carrega a expressão “conservadorismo não ideológico”.

¹⁷ Ibid., p. 85.

1. INGLATERRA E HISTORIOGRAFIA

1.1. A condição social da Inglaterra *oitocentista*

Para uma análise dos escritos políticos de Carlyle, faz-se necessária – prioritariamente – uma análise do cenário inglês e europeu na virada do século XVIII até meados do século XIX; especialmente a respeito das condições sociais da classe trabalhadora – a qual Carlyle dedicou muitos de seus escritos em vida. O impacto da Revolução Francesa e da industrialização na Europa projetou a burguesia para as disputas políticas e consolidou o capitalismo industrial como a nova força motriz da economia e sociedade dos países europeus. As atividades urbanas, nesse novo sistema produtivo, haviam perdido – no século XIX – qualquer vínculo com o tempo da natureza, isto é, com os referenciais dessa natureza – nascer do sol, anoitecer, períodos de chuvas. Foi introjetada pela lógica capitalista industrial um tempo disciplinarizado; arrancou o homem da lógica da natureza para um tempo útil, abstrato e repetitivo, fundamental para a construção dessa nova sociedade inglesa industrial¹⁸. Cabe destacar que a principal força motriz do início da industrialização britânica era a indústria têxtil, especialmente pelo uso do algodão como principal matéria-prima. A tecelagem fabril foi um marco como forma de produção desse novo momento; seu maior expoente foi a região de Lancashire. Um dos motivos desse uso abundante do algodão pouco teve relação com as áreas delimitadas na Grã Bretanha para esse tipo de cultivo; mas pela importação desse material das colônias inglesas, em especial das Índias Ocidentais – que também recebiam a maior parte das

¹⁸ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 17-18.

exportações inglesas com o produto final da tecelagem¹⁹. Foi a partir de 1790 que a principal fornecedora de matéria-prima para o linho se tornou o sul dos Estados Unidos, especialmente pelas vastas áreas de plantio, somada com a mão de obra escrava proveniente da África²⁰. Tanto nessa nova empreitada da tecelagem com as máquinas a vapor, quanto na posterior indústria do ferro e aço, havia uma enorme receptividade para as inovações científicas por parte dos novos industriais – e Carlyle não poupou esforços em analisar criticamente esse cientificismo e industrialismo. Segundo o historiador Eric Hobsbawm:

[...] os industriais absorviam essas inovações com grande rapidez, onde fossem necessárias ou vantajosas, e, acima de tudo, aplicavam um rigoroso racionalismo a seus métodos de produção, o que caracteriza sempre uma era científica [...] ²¹.

Tais inovações afetaram, inclusive, as horas de trabalho, pois em 1805 foi introduzida dentro das fábricas a iluminação a gás, ampliando o dia trabalhado. Esse novo sistema de produção, para Hobsbawm, consistia de três elementos:

[...] a divisão da população ativa entre empregadores capitalistas e trabalhadores que nada possuíam senão sua força de trabalho, que a vendiam em troca de salários. O segundo era a produção na “fábrica”, uma combinação de máquinas especializadas com mão-de-obra humana especializada. [...] O terceiro elemento era a dominação de toda a economia – a verdade, de toda vida – pela procura e acumulação de lucro por parte dos capitalistas [...] ²².

¹⁹ HOBBSAWM, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p. 54.

²⁰ Foi apenas na metade do século XIX que o algodão passou a diminuir sua produtividade nos Estados Unidos, especialmente pelas consequências da Guerra Civil Americana.

²¹ HOBBSAWM, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p. 56.

²² HOBBSAWM, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p. 62.

Essa forma de trabalho – fabril – pode ser vista como uma forma revolucionária e mecanizada de produção e de relações humanas; especialmente porque o trabalho fabril, além de estender a hora de trabalho, também pagava muito pouco ao trabalhador. Não à toa, para evitar indisposições, a maior parte dos trabalhadores fabris era composta por mulheres e crianças; em 1838, só 23% da força de trabalho das fábricas era composta por homens²³. Tratando ainda da indústria têxtil, cabe um último dado de que a fabricação de algodão e provenientes:

[...] contribuía mais para a acumulação de capital que outras, ao menos porque a rápida mecanização e o uso generalizado da mão-de-obra barata (de mulheres e crianças) permitiam uma elevada transferência dos rendimentos do trabalho para o capital. De 1820 a 1845, o produto líquido “industrial” cresceu cerca de 40% (em valor corrente) e sua folha de pagamento em apenas 5%²⁴.

Liverpool, Manchester, Birmingham e Londres foram atingidas por um caótico crescimento demográfico durante as primeiras décadas do século XIX com distritos industriais. A agricultura e manufatura domésticas haviam perdido espaço para a produção mecanizada em larga escala. Por causa dos chamados *enclosures*²⁵, pela concentração industrial e pelo agrupamento de massas de trabalhadores em imensas unidades fabris, o crescimento demográfico praticamente dobrou entre 1800 e 1850²⁶.

O amontoado de trabalhadores em Londres havia tomado proporções colossais em poucas décadas, com milhares de famílias vivendo não apenas em paróquias

²³ HOBBSAWM, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p. 64.

²⁴ HOBBSAWM, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983, p. 65.

²⁵ Prática de cerceamento de terras comum desde o século XVII feita pela aristocracia rural inglesa voltada à criação de ovelhas e produção de lã. Tal medida acarretou na expulsão em massa de diversos camponeses que dependiam da terra.

²⁶ ARTHMAR, Rogério. Ética Calvinista, Idealismo e Revolução: Carlyle e a Crítica da Economia Vitoriana. **Estudos Econômicos**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 335-357 Abril-Junho, 2005, 337.

e ruelas inseridas em bairros ricos, mas em bairros operários propriamente. Se regiões de Londres abastadas como Westminster abrigavam em seu interior concentrações de famílias de operários, artesãos e desempregados em condições de extrema miséria e degradação – mesmo com ações de caridade –, imagina-se as grandes dificuldades vividas pelo proletário urbano nos bairros efetivamente pobres e ausentes da caridade dos ricos. Dos bairros pobres mais conhecidos de Londres nesse período, cabe destacar East End, região que atraiu milhares de pessoas pelas oportunidades no setor industrial e na região portuária. Observa-se que havia pouco conhecimento da população em geral sobre sua configuração – os comparativos do desconhecimento dos londrinos com a região alcançaram analogias de povos e tribos em lugares ermos do mundo. Os que a ela tinham acesso e conhecimento – e a seus habitantes – expressavam opiniões chamando os londrinos “[...] a tomar conhecimento do ‘sofrimento desses infelizes’, com suas magras refeições, curvados pelas doenças e pelo desemprego [...]”²⁷. Desemprego esse que aparecia após a dispensa do trabalho inicial destinado aos trabalhadores de outras regiões que vieram para Londres. O mesmo pode se dizer do centro de Londres: a concentração de trabalhadores no centro era produto da instabilidade do mercado de trabalho e sua proximidade para a busca de novas oportunidades, formando assim inúmeros cortiços no centro, além da crescente população de moradores de rua. Essa nova lógica de trabalho é objeto de crítica de diversos nomes da literatura britânica e europeia *oitocentista* de um modo geral – tais como os escritores Charles Dickens e Victor Hugo e os historiadores Jules Michelet e – como será visto – Thomas Carlyle. Esse regime de trabalho alienante, repetitivo e exaustivo é tratado pelos críticos da sociedade industrial como parte de uma desumanização do trabalhador industrial; os homens tornavam-se máquinas por estarem submetidos a elas. A historiadora Maria Stella Bresciani discorre sobre esse regime de trabalho; segundo ela, quando isolado de qualquer exercício de pensamento para além do trabalho repetitivo:

²⁷ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 26.

[...] esses homens perdem exatamente aquilo que os diferencia dos seres irracionais. No fim do percurso, encontramos homens reduzidos a meros seres instintivos; sua parcela de humanidade se localiza nos sentimentos e não na razão ²⁸.

Tais mudanças das estruturas de trabalho e das relações humanas – não apenas no algodão, mas em diversos setores industriais – vieram acompanhadas de uma onda de insatisfação e radicalismo popular, especialmente pela condição sub-humana em que viviam os trabalhadores urbanos. Foi justamente no retorno dos *whigs* ao poder na década de 1830 que os conflitos sociais se intensificaram por toda a Inglaterra²⁹. Faz-se importante elencar três fatores que culminaram na aversão de muitos pensadores liberais ingleses às massas urbanas e os principais gatilhos que geraram tais agitações dos trabalhadores

Em primeiro lugar, cabe destacar o caráter aterrador que afetava o imaginário da burguesia pelo que era chamado de *mob*, ou seja, como o medo da multidão amontoada recrudescer uma ideia exclusivista na luta por direitos sociais apenas da classe burguesa. Esse fenômeno, normalmente observado com características momentâneas e pontuais ligadas a certas insatisfações do homem do campo na Inglaterra pré-industrial, agora imperava de forma permanente no campo visual dos grandes centros urbanos ingleses: um aglomerado de pessoas que ativavam os medos de certos teóricos de uma revolução aos moldes da ocorrida na França em 1789. Os ideais iluministas agora apresentavam sua materialidade com a Revolução Francesa e a desintegração da ordem aristocrática, gerando um clima

²⁸ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 61.

²⁹ Desde o final do século XVIII, o partido *tory* se mantinha no poder após sua reconfiguração interna: não estava apenas composto de uma aristocracia rural, mas de uma boa parte de antigos componentes do partido *whig*, seja por antigos burgueses que compraram grandes extensões de terra, seja por banqueiros que lucravam com as guerras do Império Britânico. Essa nova dimensão do partido *tory* – posteriormente assumido como conservador – se deve muito à mudança de perspectiva sobre a o lugar da Inglaterra na Europa: não mais uma classe que se preocupava exclusivamente com sua influência regional e agrícola, mas que assumiu um caráter “patriótico” e belicista. Cf. ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 14.

de apreensão nos demais países europeus. A rápida penetração do jacobinismo por parte da classe letrada e trabalhadora industrial inglesa acarretou – segundo a historiadora Débora El-Jaick Andrade – uma forte repressão ideológica, especialmente partindo da Igreja Anglicana. Para além do célebre livro contrarrevolucionário do escocês Edmund Burke, diversos sermões foram dados por outras figuras públicas (escritores, filantropos) contra o jacobinismo e favoráveis à perpetuação da hierarquia como requisito básico para a sustentação da sociedade inglesa, remontando principalmente à sua tradição³⁰. Entretanto, essa multidão visível nos grandes centros industriais ingleses também preocupou a classe burguesa.

Um segundo fator para esse distanciamento se deve às próprias proposições da corrente liberal dos séculos XVII e XVIII, especialmente no que tange à impossibilidade do trabalhador assalariado exercer sua voz na política para além de insurreições. Segundo John Locke, o trabalhador assalariado só dispõe de sua força de trabalho como moeda de troca, sobrando pouco ou nenhum momento para atividades intelectuais; por não exercerem certas reflexões, seriam incapazes de atuar politicamente.

Nas palavras de Locke: “quando a mão se emprega no manejo do arado da enxada, a cabeça raramente se eleva para ideias sublimes ou se exercita em raciocínios misteriosos”. Daí não ser difícil concluir ser a classe trabalhadora incapaz de seguir uma *ética racionalista*. Por isso, o único tipo de ação política que empreende fica restrito à *insurreição armada*; o direito à revolução é nele a única prova efetiva de cidadania, pois não consegue imaginar nenhum outro método para derrubar um governo não desejado. Locke afasta ainda essa ameaça. Ou seja, a insurreição armada na prática está fora de cogitação, pois, não sendo a

³⁰ ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 19.

classe trabalhadora capaz de uma ação política racional, não se encontra em condições de tomar a *decisão racional* que leva à revolução³¹.

O pensamento liberal inglês – além do iluminista francês – considera o homem pobre alguém que não possui o necessário para o exercício da plena cidadania por não possuir propriedades além de seu corpo; alguém sem direito à participação na condução dos assuntos públicos³². Se para os assalariados as proposições de Locke são duras, para os desempregados e vadios são devidamente autoritárias; para ele, esses homens são uma categoria que não são nem livres, nem participantes da vida pública, devendo estar à mercê das imposições do Estado, o qual deveria constrangê-los ao trabalho – como será o caso das Casas de Trabalho (*Workhouses*)³³. O terceiro fator que culminou em diversas medidas estatais liberalizantes e na devida reação do trabalhador se deve à preocupação sanitária de certos intelectuais sobre essas regiões deficitárias de Londres. A partir de certas observações de terceiros e da condição insalubre em que viviam os moradores de regiões como East End, o advogado Edwin Chadwick – que escreveu posteriormente um relatório que o deixaria famoso sobre as condições sanitárias da população trabalhadora na Grã-Bretanha³⁴ – conseguiu a aprovação do Parlamento para a implementação das novas *Poor Laws*, a Nova Lei dos Pobres de 1834. Tal promulgação veio acompanhada de uma justificativa de que o cuidado com essas áreas custaria menos ao Estado do que futuras epidemias e ausências de força braçal.

Entretanto, na prática, tais medidas trataram da remoção e realojamento compulsório de pessoas dependentes dos auxílios do governo para seu sustento;

³¹ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 86-87.

³² BRESCIANI, Maria Stella Martins. “Carlyle: A Revolução Francesa e o Engendramento dos Tempos Modernos”. *Reforma e Revolução*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, n. 20, p. 101-112, mar.- ago, 1991.

³³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 87.

³⁴ SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2007, p. 35.

a Nova Lei dos Pobres modificou as condições oferecidas a esses dependentes. Todos os requerentes do auxílio público deveriam entrar nas Casas de Trabalho³⁵, que na prática eram galpões de trabalho que também serviram como alojamentos para centenas de famílias. Entretanto, essas novas Casas de Trabalho seriam centralizadas sob controle do poder estatal, minando as Casas locais dependentes de paróquias. Essa Nova Lei dos Pobres – em 1840 já em vigor em toda a Inglaterra – veio carregada de um discurso muito visto em Locke e nos utilitaristas como Jeremy Bentham (além do próprio Chadwick) de como o auxílio excessivo do governo era algo pernicioso ao Estado e como o homem de fora do ofício do trabalho deveria ser reinserido a qualquer custo nesse sistema social de positivação do trabalho:

Essas Casas, chamadas pelo homem pobre de Bastilha, configuravam uma verdadeira prisão. Seus altos muros e a disciplina carcerária, que previa a separação dos membros da família, trabalho pesado para os homens, refeições magras e em silêncio, a proibição de fumar, as visitas raras sob observação e pouquíssimo conforto, contribuíram para formar essa imagem. Se alguma dúvida perdurava quanto a uma nítida separação entre os pobres no trabalho e os pobres fora do trabalho, a Nova Lei dos Pobres cuidou de eliminar. Com a Nova Lei, o princípio da autoajuda (“self-help”) passa a demonizar sobre qualquer outra concepção de vida³⁶.

Assalariado ou não, a figura do trabalhador industrial londrino era vista como sinônimo de fraqueza e exaustão, sendo ele constantemente ultrapassado pelos trabalhadores do campo sempre que algum dono necessitava de reposição de mão de obra braçal. A promulgação dessa Nova Lei dos Pobres, junto com a crise

³⁵ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 99.

³⁶ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 101.

econômica, desemprego³⁷, ausência de participação política somada às condições degradantes vistas pelos jovens industriais sobre os homens mais idosos e seus horizontes de miséria, deu um novo ânimo às organizações operárias e diversas movimentações de insatisfação popular. Dentre elas, podemos destacar o importante movimento cartista.

O *cartismo* foi um movimento composto por pensadores radicais e operários das décadas de 1830 e 1840 com pautas que englobavam, para além de um maior zelo nas condições de trabalho e a proposta de uma jornada de trabalho de 10 horas, a participação política de setores operários no Parlamento inglês. É importante destacar, inicialmente, como tal classe operária – tão minada pelo discurso de trabalho exaustivo sem a possibilidade de ócio para a educação – se articulou sobre a ideia de exercício cívico. Como um dos fatores que potencializaram esse ensejo, cabe destacar o papel da autoeducação de certos membros da classe operária assumindo posições de liderança em seu meio. Se na Europa continental a educação começava a dar importantes passos rumo à subordinação ao controle estatal, na Inglaterra o ensino ainda era majoritariamente controlado pela iniciativa privada; diversas ações de caridade promovidas por filantropos e por paróquias iniciaram a empreitada de introduzir certos indivíduos da classe operária aos estudos religiosos e à alfabetização. Entretanto, a circulação de obras iluministas e radicais se dava por iniciativa do próprio trabalhador industrial. A historiadora Débora Andrade destaca a importância de “[...] perceber como a organização operária conduziu muitas vezes à constituição de movimentos sindicais e grevistas a partir de um grupo de estudos”³⁸, mesmo que certos membros desses grupos de estudos autodidatas tendessem futuramente ao aburguesamento. O surgimento do movimento cartista

³⁷ ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 38.

³⁸ ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 32.

veio acompanhado de um encontro de associações de operários distintas: a LWMA (*London Working Man Association*), fundada por William Lovett e a BPU (*Birmingham Political Union*), fundada por Thomas Attwood. O intuito dessas reuniões após as reformas eleitorais de 1832 e a Nova Lei dos Pobres de 1834 foi de mobilizar a maioria dos sindicatos e associações nacionais de operários da Grã-Bretanha para uma eleição própria que aconteceria paralelamente às eleições parlamentares de 1839³⁹. Formou-se então uma “Convenção das classes industriais” que passou a ser amplamente perseguida pelo governo na década de 1830 e que se dispôs a colher assinaturas para os seis principais pontos de pauta do movimento cartista: 1) eleições anuais; 2) voto secreto; 3) remuneração aos membros do Parlamento; 4) sufrágio universal masculino; 5) igualdade de direitos eleitorais; 6) representação do operariado no Parlamento. Muitos deputados empáticos às causas operárias desistiram do apoio ao movimento cartista por uma série de divergências acerca dos pontos de pauta. A petição, com mais de um milhão de assinaturas, foi prontamente rejeitada pela Câmara dos Comuns em 1838; porém, as perseguições continuaram sem alterações, com diversos líderes do movimento sendo presos. Entre 1838 até 1848, o movimento cartista retomava força pontualmente com a soltura de seus líderes ou com a eleição de alguns de seus membros ao Parlamento. Após esse período, o movimento perdeu sua força inicial e suas reuniões foram extintas em 1855⁴⁰. Em 1837, tais exigências representativas para os trabalhadores industriais vieram acompanhadas de anseios de melhores condições de trabalho. O escocês Thomas Carlyle viu nesse movimento o retrato da Inglaterra *oitocentista* guiada pelo *laissez faire*, que seria a fonte de todas as misérias; para ele, o cartismo era um sintoma de uma época de individualismo e industrialismo das relações sociais.

³⁹ ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 39.

⁴⁰ ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 38-39.

Carlyle buscou respostas sobre os problemas ingleses e Europeus por meio da via histórica⁴¹. Em sua obra *História da Revolução Francesa* de 1837, Carlyle encarou o movimento revolucionário como um movimento esperado, levando em conta a situação degradante do povo francês sob o comando de Luís XVI, o monarca “isento de faculdades”.

[...] Carlyle percebia a Revolução Francesa como um julgamento sobre a loucura e o egoísmo da monarquia e da nobreza. Essa ideia singela foi apoiada com um volume imenso de detalhes bem documentados e uma habilidade notável para caracterizar os personagens [...]⁴²

Em obras posteriores, Carlyle clarificou suas propostas para o apaziguamento desse presente mecanizado fazendo um manifesto sobre as qualidades de um líder e estadista, buscando no momento medieval o modelo de fé e ordenamento tão caros para ele. Como em seus estudos históricos, Carlyle insistia na importância do indivíduo e levantava sérios senões à democracia, à perseguição em massa e à política. Sua empatia com os movimentos sociais até meados da década de 1840 deu lugar a um distanciamento do povo frente às manifestações sufragistas e democráticas. Polêmico ao final de sua vida com seus *Latter-Day Pamphlets*, Carlyle passou a se distanciar de qualquer proposta que envolvesse a melhoria das condições de vida do povo por vias eleitorais e passou a se dedicar ao culto ao líder quase que de forma absolutista, valorizando o estadista e as aristocracias europeias⁴³. Chegou ao ponto de escrever ensaios contra a abolição da escravidão, tendo John Stuart Mill rompido amizade com o escocês pelos seus escritos. Faz-se necessária uma breve análise sobre as interpretações e usos dos escritos de Thomas Carlyle por diversas áreas do conhecimento e da arte.

⁴¹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 52.

⁴² MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 193.

⁴³ WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Ed. Nacional, 1969, p. 101.

1.2. Historiografia

Neste ponto, torna-se fundamental o esclarecimento de que Thomas Carlyle não foi formado e nem se especializou para o exercício da prática historiográfica – especialmente por que ainda não havia sido oficializada a profissão de historiador na Inglaterra. Sua experiência professoral englobou Estética, Filosofia Moral e Astronomia, mas nunca História⁴⁴. Contudo, os constantes usos da retórica e da alegoria em seus escritos históricos culminaram numa popularidade entre vários segmentos da sociedade inglesa. “[...] Embora muitos leitores se assustassem com o dramático de sua narrativa, o público rendeu-se às arengas proféticas de Carlyle e à sua sensibilidade em relação à situação contemporânea”⁴⁵. Carlyle jamais assumiu qualquer cadeira de história em qualquer universidade e apresentou pouco interesse pelo rigor científico-acadêmico⁴⁶. A narrativa ficcional de textos literários não correspondia necessariamente a algo que não fosse paralelo com a realidade humana para o escocês.

Again, consider the whole class of Fictitious Narratives; from the highest category of epic or dramatic Poetry, in Shakespeare and Homer, down to the lowest of froth Prose in the Fashionable Novel. What are all these but so many mimic Biographies? [...]⁴⁷.

⁴⁴ TREVOR-ROPER, H. R. **History and the Enlightenment**. New Haven: Yale University Press, 2010, p. 223.

⁴⁵ MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.) **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 193.

⁴⁶ Cabe destacar que, no século XIX, tanto o historiador alemão Johann Gustav Droysen quanto o também historiador inglês Thomas Babington Macaulay fizeram duras críticas aos métodos de pesquisa de Carlyle sem o rigor de uma disciplina séria. Cf. MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, 2007.

⁴⁷ CARLYLE, Thomas. Biography [1832] In: CARLYLE, Thomas. **English and other critical essays**. London: Dent and Sons Ltd, 1925, p. 68. **Tradução nossa**: “Novamente, considere a classe inteira de Narrativas Fictícias; desde a mais alta categoria de Poesia épica ou dramática, em Shakespeare e Homero, até a mais baixa ninharria de Prosa no Romance Elegante. O que são todas essas coisas senão mimetizações de incontáveis Biografias? [...]”.

Por mais que usasse a imaginação histórica para seus escritos, Carlyle não foi um produtor de ensaios despreocupado com a dita verdade histórica; pelo contrário: dedicou todos os seus escritos à busca por ela. Percebe-se então um traço importante na escrita de Carlyle: a procura de singularidade histórica pela história dos indivíduos. Para se compreender melhor as particularidades da escrita da história por Carlyle, a historiadora Sabina Loriga remonta ao século XVIII ao tratar da mudança da forma de se escrever a história. Ela escreve que a partir do século XVIII, as histórias individuais foram dando lugar a uma história universal. Em outras palavras, as histórias deram lugar à História como coletivo singular. Os motivos para essa mudança são atribuídos não só ao uso de novos conceitos para se trabalhar com o passado e à perda de confiança gradativa na apreensão da verdade, mas também à vontade de trazer bases científicas sólidas para as ciências humanas, eliminando desvios e particularidades. Os séculos XIX e XX, segundo Loriga, foram marcados por uma escrita da História com relatos sem sujeitos, apenas com categorias impessoais (potências, povos, nações, alianças)⁴⁸. Para os pensadores do XIX que destoam desse movimento objetivo – como Thomas Carlyle – o mundo histórico é criativo, produtivo. Essa qualidade não provém de um princípio absoluto, mas de uma ação recíproca dos indivíduos. A sociedade é vista como uma obra comum dos indivíduos, não como uma totalidade social independente⁴⁹. Antes de sua obra magna, *Os heróis*, Carlyle apresentou uma série de escritos sobre história e sobre biografia que o colocaram como um apreciador de biografias em geral, antes do grande homem *carlyleano*. Em sua obra *Biography* (1832), Carlyle destacou a existência de um fascínio humano em conhecer a vida de outros homens e olhar o mundo pelos olhos desses homens do passado; e fez a análise que o diferiu das linhas generalizantes da escrita sobre o passado. Destacou o valor do anônimo e escreveu sobre a

⁴⁸LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 11-13.

⁴⁹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 16.

história ser um número incontável de biografias⁵⁰. Mesmo que Carlyle enxergasse o historiador como parte integrante da construção da narrativa e que muito do passado havia se perdido, ele ainda objetivava a apreensão da história em sua totalidade; totalidade essa que deveria ser apreendida pelos olhos de indivíduos do passado. Percebe-se em *Sobre a História* a importância que Carlyle dava às biografias e que estas estavam como principal objeto de estudo sobre o passado, deixando os grandes acontecimentos, guerras e decisões políticas como planos superficiais do que realmente importa; só uma reflexão biográfica permite apreender a vida íntima do passado⁵¹. A sociedade em uma dada época seria produto do trabalho de personagens como os escultores italianos, os marinheiros fenícios, os metalúrgicos saxões, os filósofos, os alquimistas, os profetas, os artistas e artesãos, e não somente de guerreiros empreendedores de grandes batalhas.

Foi em 1841 que Thomas Carlyle publicou *On Heroes, Hero worship and the Heroic in History* (1841), produto de seis conferências proferidas no ano anterior. Tal obra formou um divisor de águas no tipo de investigação histórica proposta por Carlyle. Se em *Sobre a História* e em *Biography* houve um apreço pela individualidade de cada novo vizinho, cada ser humano que permeou o passado, *Os heróis*, por sua vez, inclinou-se para uma ode aos grandes homens e suas lideranças. O grande homem de Carlyle não foi só um líder religioso, de letras, artista e político, mas a representação da história universal; a história é a biografia do herói:

⁵⁰ CARLYLE, Thomas. *Biography* [1832] In: CARLYLE, Thomas. **English and other critical essays**. London: Dent and Sons Ltd, 1925, p. 67.

⁵¹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 66-69.

“[...] Porque, conforme eu a considero, a história universal, a história daquilo que o homem tem realizado neste mundo, é no fundo a história dos grandes homens que aqui têm laborado [...]”⁵².

As conferências sobre os heróis marcaram o ápice da notoriedade de Carlyle; porém essa obra foi posteriormente apropriada por intelectuais do pós-Segunda Guerra Mundial como uma raiz do pensamento nazifascista, especialmente pelo culto ao líder. Segundo alguns intelectuais do pós-guerra, o culto aos heróis antecipou ideias fascistas: temor da desordem, exaltação das massas, aversão pela democracia, confusão entre o direito e a força, necessidade de um soberano capaz. Carlyle nessa obra se propôs a reconstruir o passado pela voz de figuras proeminentes de diferentes épocas, como Maomé, Dante, Lutero, Shakespeare, Rousseau, Cromwell e Napoleão. A necessidade de um líder em todas as épocas marcou o centro das ideias de Carlyle. Segundo Carlyle, o culto dos heróis é uma

[...] pedra fundamental eterna a partir da qual poder-se-á começar a reconstruir tudo. O fato de que o homem, de uma maneira ou de outra, venere os heróis; de que todos nós reverenciemos e estejamos destinados a reverenciar os grandes homens, eis o que é pra mim o fundamento vivo que resistirá a todas as destruições, o que nenhuma revolução na história pôde atacar, por mais catastrófica e devastadora que possa ter sido sob todos os outros aspetos⁵³.

Segundo o historiador Renato Lopes,

[...] Carlyle considera o herói como a encarnação do universal. Ou seja, contra uma história puramente factual, ele idealiza o herói para

⁵² ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 9.

⁵³ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 57.

possibilitar um sentido que permita o acesso ao geral, ao universal [...]

⁵⁴.

Característica marcante nessa e em outras obras era a posição combativa de Carlyle contra os filósofos franceses do XVIII e sua filosofia iluminista ceticista. A rejeição de Carlyle ao ceticismo, segundo o historiador norte-americano Hayden White, consistia numa tentativa de eliminar a ideia de que é possível conhecer o sentido da vida humana fora da própria humanidade⁵⁵. A crise do século XVIII, segundo Carlyle, remete à falta de crença nos heróis; o ceticismo tirou o deslumbre com o herói. Não havia reverência ao grande homem na Revolução Francesa; a natureza foi transformada em máquina⁵⁶. Ele tornou-se um crítico conservador da cultura e da sociedade de seu tempo, muitas vezes amarrada nesse ceticismo⁵⁷. Essa falta de crença também relativizou a ideia de que todo o herói foi nada mais do que um produto de sua época:

Bem sei que nestes dias se pretende que o culto dos heróis, a coisa a que eu chamo o culto dos heróis, se tenha esgotado e finalmente cessado. Esta, por razões que valerá a pena ocuparmo-nos algum tempo a investigar, é uma idade que, por assim dizer, nega a existência dos grandes homens; nega o desejo veemente de possuir grandes homens. Mostrai aos nossos críticos um grande homem, um Lutero, por exemplo, e eles começam por aquilo que eles chamam de “explicá-lo”; não para venerá-lo, mas para tomar-lhe as dimensões, – e reduzi-lo a uma pequena espécie de homem! Ele foi a “criatura do tempo”, dizem eles; o tempo foi quem o chamou, o tempo fez tudo, ele nada – senão aquilo que nós, e o pequeno crítico podíamos também ter feito! Isto parece-me a mim trabalho melancólico. Foi o tempo quem o chamou? Ah, nós temos

⁵⁴ LOPES, Renato. Thomas Carlyle (1795-1881) In: MARTINS, Estevão Rezende (Org.) **A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 21.

⁵⁵ WHITE, Hayden V. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução de José Laurênio de Melo. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 158.

⁵⁶ CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 193.

⁵⁷ LOPES, Renato. Thomas Carlyle (1795-1881) In: MARTINS, Estevão Rezende (Org.). **A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 19.

sabido de tempos que *chamam* bastante alto pelos grandes homens; mas sem os encontrarem quando os chamam! Ele não estava lá; a Providência não o tinha enviado; o tempo, *chamando* o mais alto que pôde, teve de resvalar para a confusão e ruína, porque ele não apareceu quando o chamaram. Porque se bem pensarmos nisso, nenhum tempo tenha necessidade de se afundar na ruína, se tivesse *encontrado* um homem bastante grande, um homem sábio e bastante bom: com sabedoria para discernir verdadeiramente aquilo de que o tempo precisava, e valor para conduzi-lo pela estrada direita; nisto consiste a salvação de qualquer tempo [...] ⁵⁸

Essa definição de grande homem como condutor e não produto do tempo já havia sido levantada por Carlyle anteriormente. Segundo o historiador norte-americano Hayden White, Carlyle, em seu *Boswell's Life of Johnson* (1832), tentou impedir o domínio do tempo sobre a humanidade. Segundo Hayden White, o intuito de Carlyle era o de “transmutar as vozes dos grandes homens do passado em advertências, e inspirações, para os vivos”. Os mortos se revelam, ainda falam. É o que White chama de “história como palingenesia”, ou seja, como uma aparição ou revelação espiritual. Houve um compromisso com as filosofias da história por parte de Carlyle muito mais do que um mero comodismo nostálgico; suas palavras, seus exemplos de grandes homens sempre foram colocados de forma a apreender alguma lição ou reviver algum sentimento de uma época e – como visto – perceber o que faltava nesse presente conturbado da Inglaterra Vitoriana ⁵⁹.

Contudo, o herói da nova era, cujos indícios de ascensão são incansavelmente perseguidos por Carlyle, precisava enfrentar o “mamonismo ⁶⁰” e o ceticismo, que transformariam os súditos do grande homem em *serviçais*, sem quaisquer virtudes que não saberiam reconhecer e cultivar o grande homem.

⁵⁸ CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 19-20.

⁵⁹ WHITE, Hayden V. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução de José Laurênio de Melo. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 158.

⁶⁰ Culto e amor pelo dinheiro.

O historiador *carlyleano*, o biógrafo, o cronista, deveriam ter os corações puros e sinceros, abertos a essa Revelação. Se o historiador e o herói eram agraciados com revelações, então o historiador também era um tipo de herói. Nesse sentido, o historiador também se assemelharia ao herói ao dar ordem e organização dos eventos através do discurso. Além dessa nova verdade por meio de uma Revelação, Carlyle enfatizou o caráter permanentemente metafórico da história, incentivando o abandono da expressão realista para a figurada⁶¹. Entretanto, essa sinceridade não era facilmente encontrada em homens comuns, mas nos grandes homens destas seis conferências que formaram *Os heróis*. Pois esses grandes homens transformaram épocas e conduziram as massas:

[...] Eles [os heróis] foram condutores de homens, estes grandes homens, os modeladores, padrões e, em sentido amplo, criadores de tudo o que a massa geral dos homens imaginou fazer ou atingir; todas as coisas que nós vemos efetuadas no mundo são propriamente o resultado material externo, a realização prática e a incorporação dos pensamentos que habitam os grandes homens mandados ao mundo: a alma de toda a história universal, pode justamente considerar-se, seria a história destes [...] ⁶².

O grande homem de Carlyle sabia o que todos ao seu redor precisavam, antecipava o pensamento de uma geração inteira; despertava ideias inerentes dentro de todos os homens. Essa consciência de Carlyle de que os heróis saberiam e sentiriam a Revelação, sabendo o que era melhor para seus respectivos povos, segundo a historiadora Sabina Loriga, divergia, em certo ponto, do filósofo da história Hegel, uma vez que o grande homem deste não sabia a missão que estava realizando. O herói de Carlyle receberia a Revelação tendo plena consciência de seu objetivo para com os demais; revelação essa que transcenderia o corpo físico. O herói de Carlyle nada mais era do que uma mesma

⁶¹ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 72.

⁶² CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 9.

energia espiritual que descia de tempos em tempos em grandes líderes. Dito isso, a historiadora Sabina Loriga chega à conclusão de que o herói de Carlyle não era um exemplo de celebração da singularidade, mas uma energia que não considerou o individual e novamente se assemelhou às filosofias da história dos séculos XVIII e XIX:

Aí está, talvez, um destino que se repete na história. A biografia heroica aspira à totalidade: mesmo quando não está fundada no princípio de necessidade e reconhece o fluxo caótico, incerto, da vida, ela não pode evitar a civilização como um todo indivisível [...] ⁶³

O que Loriga tenta afirmar é que no fundo, a manifestação do herói *carlyleano* era menos uma ode à singularidade biográfica do que uma missão espiritual que permeava a todos e dava a quem recebia a “graça” de conduzir a sociedade; conduzir o próprio tempo.

As influências das filosofias da história nas obras de Thomas Carlyle abrem outra análise sobre a interpretação do passado: a interpretação *whig* da história. O britânico Michael Bentley, em sua obra *Modernizing England's Past*, destaca que o período de 1890 até os anos de 1970 foram marcados pelo rigor, pela cientificidade e pelo profissionalismo da profissão de historiador na Inglaterra; é chamado por Bentley de período da escrita modernista da história. O período anterior a essa modernização da escrita historiográfica é chamado de interpretação *whig* da história, termo eternizado na primeira metade do século XX pelo também britânico Herbert Butterfield em sua obra *The Whig Interpretation of History* de 1931. Carlyle, embora assumidamente compromissado com o “anti-*whig*”, ele próprio escreveu historiograficamente de forma “*whig*”. Tal escrita envolve uma emoção na busca pelo passado a partir do olhar no presente, deixando em segundo plano a pesquisa rigorosa; apresenta uma ideia implícita de

⁶³ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 80.

superioridade inglesa. Nação, Estado, raça: sementes de um passado glorioso nacionalista. Esse tipo de escrita não enfraqueceu até 1890. Vale lembrar que a historiografia *whig* não era composta apenas por partidários do partido *whig* inglesa de tendência reformista moderada. Entre 1820 e 1850 existia uma tendência de escrita da História da Inglaterra que reflete o século XVIII sobre a Revolução Gloriosa⁶⁴. Havia uma “mente simples” na primeira leva de escritores *whigs* sobre a Inglaterra, segundo Bentley, diferentemente dos *whigs* de final do século XIX já estavam alinhados com o rigor e com o avanço científico. Sobre esse passado glorioso da Inglaterra e seu grande homem, lê-se:

[...] Uma das tipologias do herói na história de Carlyle, o herói-rei, é atribuída ao regicida e republicano Oliver Cromwell. Carlyle sustenta tal argumento em uma época em que a história de Cromwell é basicamente formulada por historiadores realistas. Ou seja, Carlyle humaniza a figura de Cromwell para as abordagens posteriores⁶⁵.

Essa humanização de Cromwell em *Os heróis*, aceitando essa categoria de Butterfield, fez parte da escrita *Whig* da história, especialmente pelo enaltecimento do passado inglês por parte de Carlyle. Contudo, diferentemente dos liberais que escreveram sobre Cromwell para rechaçá-lo, Carlyle o enxergou como um herói incompreendido pelo seu tempo; assim como todos os outros citados em suas seis conferências de 1840. Se Butterfield não enxergava Carlyle como parte dessa historiografia, será perceptível o “uso” que Carlyle faz do passado para justificar o presente; entretanto não há um ideal progressista de ideias, mas um resgate conservador de valores perdidos com o tempo. O escocês via Cromwell como um homem simples, mas que transmitia liderança, mesmo não tendo sido bom com as palavras. A religiosidade pesava também para o grande herói carlyleano: enquanto Cromwell assumiu o controle da nação fazendo o juramento pela Bíblia,

⁶⁴ BENTLEY, Michael. **Modernizing England's past: english historiography in the age of modernism, 1870-1970**. CambridgeNew York: Cambridge University Press, 2005, p. 9-10.

⁶⁵ LOPES, Renato. Thomas Carlyle (1795-1881). In: MARTINS, Estevão Rezende (Org.). **A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 21.

Napoleão o fez pela *Enciclopédia* iluminista. Essa diferença entre os dois heróis-reis justifica o porquê de o escocês ter optado por definir Oliver Cromwell como um homem muito maior que Napoleão Bonaparte⁶⁶. A traição maior de Bonaparte, segundo Carlyle, foi a de ter readmitido a Igreja Católica nos assuntos políticos. O retorno da Igreja colocou por terra as milhares de mortes; e novamente enfatiza que Napoleão deveria ter jurado pela espada e pela Bíblia⁶⁷.

Conclui-se então que Thomas Carlyle, mesmo não tendo tido uma formação para a escrita da História, cativou leitores, acadêmicos e historiadores de profissão posteriormente. Sua escrita alegórica e combativa contra a ortodoxia cientificista reinante do século XIX, foi uma marca de sua carreira; especialmente porque tinha a noção de que o passado não podia ser apreendido em sua totalidade apenas por vestígios documentais e, por isso, o historiador deveria dar sua contribuição pessoal. Tendo caminhado contra a corrente universalista da escrita historiográfica, Carlyle defendeu a narrativa singular/individual como a melhor forma de se reviver o passado; através dos olhos de outros homens – tanto os que viveram a época quanto os que escreveram sobre ela. O estudo biográfico, segundo Carlyle, era a melhor forma de se conhecer história, a despeito dos grandes acontecimentos e grandes guerras. Com a publicação de sua obra *Os heróis*, a ênfase na biografia do homem simples, do escritor anônimo deu lugar a uma escrita dos grandes homens, dos heróis, especialmente porque estes seriam os capacitados para receberem a Revelação que conduziria o povo de sua época. A história universal era, segundo o escocês, a biografia dos grandes homens e de seus feitos. Porém, a contemporaneidade – o século XIX – estaria ameaçada pelo domínio da ganância com o dinheiro e especialmente pelo ceticismo proveniente dos filósofos iluministas franceses; ceticismo esse que desacreditava no herói e o transformava em um homem simples, alegando ser um mero produto temporal. Os heróis *carlyleanos* comandaram a sua época, dominavam o tempo, e era dever do historiador transmutar essas grandes personalidades em essência para

⁶⁶ CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 225.

⁶⁷ CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 229.

ensinamentos sobre o presente, especialmente para a Inglaterra Vitoriana. Segundo o escocês, a história era um enorme caos de causas e consequências múltiplas, as quais o historiador não conseguia operar pela quantidade de acontecimentos simultâneos, muito menos pela linearidade cronológica. A recomendação presente nos escritos do escocês era a do esquecimento seletivo, dando prioridade aos grandes homens que conseguiriam apreender o espírito do passado e de seus tempos.

Para Carlyle, a ficção não era o oposto do real e o historiador necessitava da imaginação, imaginação que deveria se materializar junto com um coração puro e sincero como fundamental para os escritores receberem a Revelação de forças do tempo para a melhor escrita sobre o passado. O herói, proveniente dessa força mística e para além de seu corpo, aproximou Carlyle – segundo Sabina Loriga – para uma escrita típica dos filósofos da história e suas reflexões sobre o destino metafísico da humanidade. Essa filosofia da história, somada à valorização do passado pelos heróis – como Oliver Cromwell – foi defendida pelo britânico Herbert Butterfield e por Michael Bentley como uma interpretação *whig* da história, mesmo com o escocês tendo sido conservador por toda sua vida. Por último, constata-se que Carlyle, a despeito da luta constante contra o cientificismo, foi apropriado posteriormente para a escrita do passado sobre os grandes acontecimentos e grandes governantes nacionais.

1.3. Carlyle e o Fascismo

Assim como a historiografia “*whig*”, os estudos de história biográfica e a suposta “filosofia da história” dos grandes homens, Carlyle também foi reinterpretado ao longo dos séculos XX e XXI dentro de debates sobre sua influência e seus usos nos eventos traumáticos do século XX, em especial, nos regimes totalitários da Europa nos anos de 1920 e 1930. É sobre este debate que trata a tese de 2007 do historiador norte-americano Jonathon McCollum intitulada *Thomas Carlyle,*

Fascism and Frederick ⁶⁸. Esses usos dos escritos de Carlyle afetaram diretamente sua reputação, que o transformou ao longo dos anos em um “profeta” do fascismo, um ideólogo ou parte de uma linha intelectual que descambou para os regimes autoritários.

Sua primeira controvérsia foi seu apoio à Guerra Franco-Prussiana (1870-71) ao lado do *kaiser* prussiano Guilherme I e do chanceler Otto von Bismarck contra o Segundo Império francês – posteriormente Terceira República. Esse apoio não veio apenas devido a um posicionamento favorável à Prússia, mas de um enaltecimento heroico do estadista prussiano do século XVIII Frederico II em sua obra *History of Frederick the Great*. A antipatia de seus críticos, porém, ganhou contornos mais evidentes após a Primeira Guerra Mundial, sendo possível citar os ataques feitos pelo crítico literário norte-americano Stuart Sherman ao escocês em 1918. Em seu breve ensaio, intitulado *Carlyle and Kaiser worship* ⁶⁹ – após uma guerra de proporções nunca vistas e de um profundo sentimento anti-germânico – Sherman volta sua atenção para o século XIX, em especial para os literatos anglófonos influenciados pela cultura alemã, a fim de reconsiderar algumas sólidas reputações “à luz das fogueiras do Ocidente” ⁷⁰. Dentre os afetados por esses malefícios do “pensamento germânico” – segundo Sherman – estava justamente Thomas Carlyle, por santificar Frederico o Grande, traduzir obras alemãs para o inglês e se tornar quase um “apóstolo” dessa cultura chamado por Sherman de *prussianismo*⁷¹. A cultura alemã, especialmente a romântica, seria um refúgio para o escocês:

⁶⁸ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo.

⁶⁹ SHERMAN, Stuart F. “Carlyle and Kaiser Worship,” **The Nation**, p. 286-289, 14 September 1918.

⁷⁰ SHERMAN, Stuart F. “Carlyle and Kaiser Worship,” **The Nation**, p. 286-289, 14 September 1918, p. 286.

⁷¹ SHERMAN, Stuart F. “Carlyle and Kaiser Worship,” **The Nation**, p. 286-289, 14 September 1918, p. 286.

[...] [Na Alemanha] ele encontrou sua salvação, sua salvação do pensamento liberal e racional do século XVIII, sua salvação dos princípios dos quais a República Americana foi estabelecida, sua salvação das tendências das quais a Inglaterra moderna se desenvolveu [...] ⁷².

Percebe-se que a crítica de Sherman se embasou nas proposições do escocês ao se posicionar contra o movimento democrático, enaltecendo o poder nas mãos de um líder absoluto com refinado aparelho de repressão para fazer com que a sociedade funcione como uma engrenagem. Entretanto – por questões históricas óbvias – essa crítica de Sherman se deve muito mais ao sentimento antialemão após a Primeira Guerra do que a uma efetiva análise comparativa entre Carlyle e a Prússia; especialmente porque, no que tange à política externa imperialista, o Segundo Reich não se diferenciou do Império Britânico, por exemplo.

Foi na década de 1930, com o fracasso das instâncias democráticas em países como Itália e Alemanha, que o antiliberalismo de Carlyle e sua defesa – em sua velhice – de um governo autocrático ganhou contornos proféticos para uns e repugnância para outros⁷³. A ascensão do regime fascista italiano e do nazifascismo alemão colocou o herói *carlyleano* como uma profecia para a figura de Adolf Hitler, por exemplo. Os debates no entreguerras realocavam Carlyle ora como parte da genealogia do fascismo e do profascismo – na qual eram incluídos outros nomes do pensamento oitocentista, tais como Spengler, Wagner e Nietzsche⁷⁴ –, ora como apenas parte de uma linha de pensamento do século XIX

⁷² SHERMAN, Stuart F. “Carlyle and Kaiser Worship,” **The Nation**, p. 286-289, 14 September 1918, p. 287.

⁷³ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 7.

⁷⁴ Sobre as apropriações de Nietzsche ao longo do século XX, Cf. BIASUTTI, Rusley. **Nietzsche contra Nietzsche: linguagem, história e política. Um estudo sobre a Segunda Consideração Intempestiva**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

que foi amplamente vulgarizada pelos regimes autoritários do século seguinte⁷⁵. Nesse período, tanto os acadêmicos detratores quanto admiradores de Carlyle produziam textos acerca da genealogia e da natureza humana do fascismo – uma investigação sobre a natureza humana, como toda ideologia. Entretanto, cabe ressaltar que o fascismo – tanto como ideologia quanto *práxis* – foi profundamente contraditório, o que torna difícil discutir suas ideias e seus precursores. Destacadas, por McCollum, algumas proposições caras a Carlyle frente ao fascismo, percebe-se como diversas ideias conflitam. Primeiramente, porque a exaltação da juventude como organismo importante para o fascismo jamais seria defendida por Carlyle; para o escocês, nem a juventude ou um grupo racial seletivo seriam importantes para a sustentação do herói ou líder. O líder de Thomas Carlyle vem da capacidade divina de discernimento, é um herói de talento genuíno e direito celestial, não um dependente de eleições democráticas ou de fervor nacionalista (no caso do fascismo)⁷⁶. Mesmo fazendo alusões, ao comparar ideias sempre se corre o risco de se induzir ao equívoco, especialmente porque o fascismo pode ser comparado com qualquer ideologia em algum pequeno aspecto isolado. Entretanto, segundo McCollum, é o que resta a ser discutido, uma vez que nenhum dos teóricos das manifestações fascistas se utilizou diretamente de Thomas Carlyle para esboçar qualquer estrutura de pensamento⁷⁷. O mesmo não se pode dizer durante a vigência desses regimes por seus ideólogos; os acadêmicos entusiastas dos regimes totalitários e autoritários de direita nos anos 1920, 1930 e 1940 na Europa elegeram Carlyle como membro da linhagem desses pensamentos: “[...] Na Alemanha, Carlyle se tornou um profeta do Nacional Socialismo, na Espanha, um defensor do Franquismo, e na Itália, um presciente

⁷⁵ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 11.

⁷⁶ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 33-36.

⁷⁷ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 40.

arquiteto do regime de Mussolini”⁷⁸. Sobre os dois maiores representantes do fascismo – uma vez que o Regime de Franco acaba sendo considerado como um autoritarismo conservador – Jonathon McCollum elabora digressões acerca da recepção de Thomas Carlyle nos dois países.

Na Itália, a influência de Thomas Carlyle data logo do início do século XX, especialmente com as suas traduções para o italiano – o mesmo não se pode falar da França, especialmente após o apoio de Carlyle à Prússia no conflito entre as duas potências na década de 1870. Após um hiato de interesse por seus escritos, foi durante o regime fascista de Mussolini que Carlyle voltou a ser resgatado e traduzido; especialmente porque se difundiu em massa pelo país os comparativos entre a apologia ao trabalho e os heróis Capitães da Indústria da obra *Past and Present* de Carlyle com o corporativismo e a *Carta del Lavoro* (Carta do Trabalho)⁷⁹ de Mussolini. Os usos de Carlyle na Itália fascista se deveram mais a uma tentativa de esclarecer que havia um caráter “místico” no trabalho defendido por Mussolini – assim como Carlyle – do que uma relação materialista corporativista ligada ao marxismo; o intuito na verdade era fazer oposição ao materialismo:

[...] O marxismo e seus aspectos materialistas são desprovidos de espiritualismo e idealismo que permeiam o pensamento de Mussolini e Carlyle. Licciardelli [escritor italiano, ideólogo do fascismo] tenta recrutar Carlyle na luta contra o socialismo, reformulando-o como um antimarxista e redirecionando seu desgosto com o liberalismo do século XIX para o marxismo do século XX⁸⁰.

⁷⁸ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 44.

⁷⁹ Documento apresentado pelo Partido Nacional Fascista de Benito Mussolini em 23 de Abril de 1927 com orientações de como deveriam funcionar as relações de trabalho entre o patronato, os trabalhadores e o Estado per se.

⁸⁰ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 51.

Apenas convicções semelhantes acerca de uma liderança forte, especialmente na economia, podem então ser vistas como ponto em comum, porém longe está o escocês de ser um ideólogo do fascismo italiano.

Por causa de suas traduções das obras românticas para a língua inglesa e sua adoração por estadistas germânicos, Carlyle teve, na Alemanha, sua maior divulgação depois de países anglófonos. Entretanto, se seguiu, da mesma maneira que na Itália, um enfraquecimento da circulação de suas obras nas primeiras décadas do século XX e uma maior força a partir de 1933, na Alemanha nazista. Por sua obra *History of Friedrich II of Prussia* [1858] e sua reprovação aos valores latentes do utilitarismo e racionalismo difundidos na Inglaterra *oitocentista*, Carlyle foi visto pelos ideólogos do nazismo como um homem de duas ações, de “duas trincheiras”, uma ponte entre a moral britânica e germânica⁸¹. Os conterrâneos de Carlyle – apesar de certas críticas por historiadores ingleses – não enxergaram essa inclinação para o passado germânico como um problema. Apenas o apoio do escocês à Prússia, sua condecoração concedida por Otto von Bismarck e o antigermanismo pós-Primeira Guerra estigmatizaram Carlyle como um escritor controverso e polêmico. Os ideólogos do nazismo, por mais que enxergassem no herói *carlyleano* uma prenúnciação de Hitler, usufruíram muito mais de Carlyle acerca de sua erudição biográfica sobre a vida de Frederico II; mesmo com imprecisões, esses acadêmicos alemães não pouparam elogios à colossal obra de mais de três mil páginas. Os usos políticos dessa obra, que serviram de concretude argumentativa para o *Führer* como herói, como um grande homem – assim como Frederico II – que constrói a história humana e os usos da biografia escrita por Carlyle na Alemanha nazista vieram junto com a premissa de que Carlyle faz parte de uma “pré-história” do nazismo⁸². O corpo de ideias de

⁸¹ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 60.

⁸² MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p.100.

Carlyle também não pode então ser entendido como um influenciador direto do pensamento nazista, apenas como um objeto de disputa de narrativas de seus ideólogos durante as décadas de 1930-40 como gênese do pensamento.

A maior mácula nos “usos de Carlyle”, segundo McCollum, foi a leitura da biografia de Frederico II feita por Goebbels para Hitler nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Com a percepção de que se necessitaria de uma guerra de longa duração, as passagens da suposta heróica resistência do antigo rei prussiano por sete anos contra os russos foram usadas massivamente como objeto de propaganda por Goebbels e como reconforto do próprio Hitler já nos seus últimos dias de vida ⁸³. Tal situação agravou muito sua marginalização dos estudos historiográficos ao longo do século XX, sendo retomados profundamente apenas nos últimos quarenta anos.

2. MEDIEVALISMO

A formação de Thomas Carlyle em teologia com apenas dezoito anos de idade não impediu que o escocês vivesse uma profunda crise de fé, especialmente com seu retorno à Universidade de Edimburgo, em 1819; crise essa que o levou a abandonar de vez qualquer possibilidade de exercer uma vida dedicada à Igreja Calvinista. Essa crise de fé foi produto do racionalismo e ceticismo imperante nas universidades escocesas, influenciadas pelas correntes filosóficas e econômicas do século XVIII. A ideia racionalista de que Deus seria um grande relojoeiro e que o mundo movido por engrenagens não precisaria mais de sua ação – assim como o funcionamento constante de um relógio – foi uma das que mais abalou o escocês, tanto em sua fé, quanto em sua experiência com o mundo externo⁸⁴. Não era concebível para Carlyle essa concepção metafísica mecanicista da realidade que empobrecia, desencantava e reduzia o mundo a um mero sistema de

⁸³ MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo, p. 101 – 105.

⁸⁴ CHANDLER, Alice. **A Dream of order: the medieval ideal in 19th century English literature**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 124.

engrenagens; sistema esse profundamente solapado pelos ditames econômicos do *laissez faire*, sem uma organização, perpetuado pelo egoísmo e influenciador das transformações do cenário europeu a partir da Revolução Industrial. Foi em suas leituras do romantismo germânico – em especial dos que se debruçavam sobre o medievo europeu – que Carlyle, da década de 1820 em diante, buscou refúgio para sua crise de fé e para seus escritos; estes foram dedicados a encontrar uma expressa e não vista ordem no universo e uma busca por sua fé perdida ⁸⁵.

A partir da obra *Revolta e Melancolia* dos pensadores marxistas Michael Löwy e Robert Sayre⁸⁶, tornam-se possíveis algumas considerações acerca da definição de romantismo. Para Löwy e Sayre, a maior dificuldade para a vasta gama dos intelectuais que se debruçaram sobre o conceito de romantismo paira sobre os paradoxos de pensamento que permeiam seus representantes⁸⁷. O romantismo foi objeto de extenso debate acerca de sua categorização. Certas tentativas de definição foram de vasta abrangência ainda no século XIX, ao ponto do intelectual norte-americano Arthur Lovejoy propor a premissa do desuso da palavra “romantismo”; segundo o seu raciocínio, justamente por ser um conceito de grande generalização, a semântica da palavra teria se esvaziado ⁸⁸. Se ainda há debate – após mais de duzentos anos de suas primeiras manifestações – acerca dos usos da expressão, obviamente a idealização de Lovejoy acerca do desuso caiu por terra e não serviu como explicação válida. Perpassando definições meramente estéticas do romantismo – desprezando o caráter político – e

⁸⁵ CHANDLER, Alice. **A Dream of order: the medieval ideal in 19th century English literature**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 123.

⁸⁶ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015.

⁸⁷ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 19. O romantismo definido como “[...] ao mesmo tempo (ou alternadamente) revolucionário e contrarrevolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fanático, retrógrado e utopista, revoltado e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual [...]”.

⁸⁸ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 20.

avançando para o século XX, se faz pertinente mencionar a definição do norte-americano Morse Peckham do romantismo como uma “[...] revolução do espírito europeu contra o pensamento estático/mecânico e a favor do organicismo dinâmico. Seus valores comuns são: a mudança, o crescimento, a diversidade, a imaginação criativa e o inconsciente”⁸⁹. Para Löwy e Sayre, cada autor possui sua seleção de traços marcantes do romantismo, especialmente para dar solidez às suas premissas, porém ainda se indaga o que une essa colcha de retalhos conceitual acerca do romantismo⁹⁰. Por mais que não exista análise global a respeito do romantismo que leve em conta toda a sua pluralidade, ainda é possível encontrar um ponto em comum – comumente lembrado pelos intelectuais marxistas como György Lukács – entre toda essa gama: a crítica sistemática ao capitalismo:

Dado que a sensibilidade romântica representa uma revolta contra a civilização criada pelo capitalismo, ela é portadora de um impulso *anticapitalista*. Entretanto, seu anticapitalismo pode ser mais ou menos inconsciente, implícito e mediatizado. [...] o que se denuncia de uma maneira ou de outra é esse fenômeno crucial do conjunto que é a “reificação” ou a “coisificação”, isto é, a desumanização do humano, a transformação das relações humanas em relações entre coisas, entre objetos inertes [...].⁹¹

Faz-se possível inferir, portanto, que o romantismo pode ser encarado como uma visão de mundo reativa às transformações do cenário europeu; ela é, a priori, anticapitalista. A influência dos românticos em Carlyle foi influência para Carlyle nas diversas publicações do escocês em diversas revistas⁹² sobre Novalis,

⁸⁹ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 22.

⁹⁰ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 24.

⁹¹ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 41.

⁹² A título de exemplificação, podemos citar a *Fraser's Magazine*, a *Edinburgh Review* e *Foreign Quarterly Review*. Ver: CARLYLE, Thomas. **Critical and miscellaneous essays: collected and republished**. London: Chapman & Hall, 1893

Goethe, Schiller dentre outros expoentes do movimento. Porém para a compreensão do pensamento de Thomas Carlyle, faz-se necessário investigar uma ideia presente no Romantismo – porém não restrita a ele – que moldou a concepção de líder e herói: o medievalismo.

De acordo com a linguista norte-americana Alice Chandler, o ressurgimento do ideal medieval foi um movimento complexo e, assim como o Romantismo, de difícil delimitação. Apesar das inúmeras diferenças entre os escritores participantes deste medievalismo, o desejo central dessa imaginação se refugiou na sensação de se sentir em casa num mundo ordenado e ainda assim, orgânico; quanto mais o mundo mudava, mais a visão mítica do medievo era resgatada como uma Era de Ouro. A idealização do passado medieval era tratada como um contrabalanceamento do presente em constantes revoluções e transformações de modo mais amplo; segundo Löwy e Sayre:

Há um desejo ardente de reencontrar o lar, retornar à pátria, no sentido espiritual, e é precisamente a nostalgia que está no âmago da atitude romântica. O que falta no presente existia antes, em um passado mais ou menos longínquo. A característica essencial desse passado é a diferença com relação ao presente: ele é o período em que as alienações modernas ainda não existiam. A nostalgia aplica-se a um passado pré-capitalista, ou pelo menos a um passado em que o sistema socioeconômico moderno ainda não estava plenamente desenvolvido [...].⁹³

Ao longo da história da Idade Moderna, o medievalismo foi parte ora da construção de uma narrativa de afirmação, ora de confrontação de uma realidade. O chamado “primeiro medievalismo” (*early medievalism*) do período *elizabetano* na Inglaterra foi usado para reafirmar e legitimar o poder da Reforma Protestante e da dinastia Tudor no século XVI com a consolidação da nação inglesa. No século

⁹³ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 44.

XVII, a Revolução Gloriosa de 1688 foi a impulsionadora de novos usos do medievalismo para limitar o poder monárquico: para os *whigs*, a celebração da antiga liberdade britânica; para os *tories*, um arrependimento pelo passado feudal rejeitado⁹⁴. Se os literatos desse período instrumentalizaram o ideal medieval para a reafirmação de uma situação vigente, os do século XIX o usaram como confronto do cenário contemporâneo. A mão de obra das sociedades pré-industriais era formada por famílias que possuíam obrigações aos seus senhores; tinham suas terras e produziam sua própria subsistência; ou por possuidores de oficinas artesanais – foi esse o principal argumento que embasou os olhares dos literatos para o medievalismo. No século XIX, as ideias de que o homem comum era mais próspero materialmente nos tempos medievais foram marcas do início das críticas às condições dos trabalhadores fabris. Ao longo desse século, medievalistas expressaram o horror pela situação degradante da classe operária, com um regime de trabalho de 84 horas semanais⁹⁵. Segundo o historiador marxista inglês Eric Hobsbawm, enquanto as classes privilegiadas não sentiram inicialmente as transformações da industrialização na Inglaterra:

O mesmo não acontecia aos pobres, aos trabalhadores (que, pela própria essência, constituíam a maioria), cujo mundo e cujo estilo de vida tradicionais tinham sido destruídos pela Revolução Industrial, sem que fossem substituídos automaticamente por qualquer outra coisa. É essa desagregação que forma o cerne da questão dos efeitos sociais da industrialização⁹⁶.

Não foi só a fome, a exploração e a degradação que apareceram nos escritos dos românticos medievalistas, mas também um senso de perda da conexão com a sociedade em si, uma deterioração da proximidade entre indivíduos; a relação

⁹⁴ CHANDLER, Alice. **A Dream of order**: the medieval ideal in 19th century English literature. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 1-2.

⁹⁵ CHANDLER, Alice. **A Dream of order**: the medieval ideal in 19th century English literature. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 2-3.

⁹⁶ HOBBSAWM, Eric. **Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 79.

“solidária” dos trabalhadores dos tempos medievais se deteriorou e deu lugar ao *laissez faire*. O nexu familiar deu lugar ao nexu financeiro, já que a estrutura feudal foi tida como um período em que se dava a cada homem um lugar na sociedade e os ordenava⁹⁷. A particularidade da análise desses literatos medievalistas não deve ser confundida com um protosocialismo ou como um socialismo em si. Como enfatizado, para além do olhar degradante da situação das classes trabalhadoras industriais, a ordem e o desempenho de funções por parte desses medievalistas, os fizeram como teóricos de uma sociedade hierárquica, sem ascensão por meios revolucionários desses trabalhadores. Dentro do discurso desses literatos, os pobres eram vistos com piedade, porém diante da inevitabilidade das revoluções, eram vistos também com receio. O medievalismo foi uma reação à sociedade industrial, ao racionalismo iluminista, ao fortalecimento do sistema de pensamento proveniente das derivações das religiões surgidas na Reforma Protestante que buscaram, constantemente, o acúmulo de riquezas e das consequências da Revolução Francesa – incluindo a expansão de Napoleão; muitos escritores medievalistas – e aqui podemos contemplar o escocês Thomas Carlyle – acreditaram que os pobres deveriam ter um líder compassivo para frear rebeliões destrutivas⁹⁸. Houve uma preocupação com a qualidade de vida numa cidade mecanicista; para o escritor John Ruskin, o artesão do medievo era feliz e livre, não apenas uma ferramenta, um autômato executando uma função ou operando uma máquina, mas um homem criativo, capaz de achar prazer em seu trabalho. Outro ponto levantado por Ruskin foram as atividades da Igreja – houve uma crítica à igreja Anglicana do XIX por estar se tornando cada vez mais estética e menos relevante na organização social⁹⁹.

⁹⁷ CHANDLER, Alice. **A Dream of order**: the medieval ideal in 19th century English literature. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 3.

⁹⁸ CHANDLER, Alice. **A Dream of order**: the medieval ideal in 19th century English literature. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 4-5.

⁹⁹ CHANDLER, Alice. **A Dream of order**: the medieval ideal in 19th century English literature. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 6.

Pode-se inferir que o medievalismo foi uma tentativa de frear o fenômeno cunhado pelo sociólogo alemão Max Weber conhecido como *desencantamento do mundo*. A sua obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*¹⁰⁰ foi um escrito seminal lançado em 1904/1905 e ampliado em 1920, ano de sua morte. Considerada como uma das obras fundadoras do pensamento científico moderno e da sociologia política; sua tese central paira sobre a compreensão acerca da reação entre classes capitalistas dirigentes de maior poder aquisitivo na Europa e na América do Norte e da tradição protestante. A partir de tal investigação, Weber desenvolve uma espécie de gênese do pensamento burguês a partir do surgimento e desenvolvimento das religiões oriundas da Reforma Protestante. Apesar da associação comum entre pensamento burguês como detentor de uma liberdade que a Igreja Católica não possuía, as religiões protestantes, associadas ao florescimento do “espírito” do capitalismo, apresentaram uma mudança muito mais sistemática que o catolicismo. Segundo Weber “[...] a Reforma significou não tanto a *eliminação* da dominação eclesiástica sobre a vida de modo geral, quanto a substituição de uma forma vigente por uma *outra* [...]”¹⁰¹. Era justamente a falta de capilaridade no cotidiano do homem por parte da Igreja Católica que foi objeto de crítica dos reformadores; não existia um excesso e sim uma carência de dominação eclesiástico-religiosa. Com os preceitos da doutrina calvinista de predestinação, o homem deveria se portar e realizar suas escolhas mundanas como se fosse um escolhido ao reino dos céus; o acúmulo de riquezas não era mais condenável, contanto que não se desviasse do caminho da pureza nem se prendesse aos bens materiais. Era aceitável acumular e trabalhar, contanto que tenha a intenção de apenas aumentar a glória de deus e realizar o cumprimento da missão vocacional¹⁰². Entretanto, a cultura do homem pré-capitalista – segundo Weber – era a de ganhar para a sobrevivência, não fazer do ganho seu objetivo de

¹⁰⁰ WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁰¹ WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 30.

¹⁰² “[...] A riqueza é reprovável precisamente e somente como tentação de abandonar-se ao ócio, à preguiça e ao pecaminoso gozo da vida, e a ambição de riqueza somente o é quando o que se pretende é poder viver mais tarde sem preocupação e prazerosamente [...]”. Ibid., p. 148.

vida. Para o sociólogo alemão, o calvinismo foi visto como uma conclusão do que ele definiu como *desencantamento do mundo*¹⁰³. Desencantamento esse originalmente cunhado por Weber para designar o abandono do misticismo, das liturgias e das magias sacramentais como meio de salvação da Igreja Católica. O catolicismo deu lugar a uma vida calvinista de feitos terrenos, uma vez que a salvação não dependia da ação humana em vida.

Até agora nos movemos no terreno da religiosidade calvinista e, portanto, pressupusemos a doutrina da predestinação como fundamento dogmático da moralidade puritana no sentido de uma conduta de vida ética metodicamente racionalizada [...] ¹⁰⁴.

Os ideais de vida puritanos acerca da reprovação aos vícios e tentações da riqueza fracassaram pouco a pouco, segundo Weber. O próprio metodista inglês John Wesley durante o século XVIII foi percebendo a proporcionalidade da riqueza como inversa da proporção religiosa. A verdadeira religião e o trabalho como santificação das obras de Deus havia dado lugar a um racionalismo e individualismo acumulativo e cultivador do dinheiro. Com a condição de seguir as leis e de ter uma conduta moral irrepreensível, o empresário burguês se viu livre para procurar o lucro como quase um dever imposto por Deus¹⁰⁵, uma vez que a atividade lucrativa do empresário também passou a ser vista como vocação profissional. O *desencantamento do mundo* ultrapassou então a barreira do calvinismo com o fim do misticismo como meio de salvação e se estendeu até a racionalização e frieza das relações humanas dos séculos XVIII e XIX. Não à toa que alguns expoentes do romantismo e medievalismo passaram a idealizar uma Igreja Católica de uma fase pré-capitalista como uma tentativa de “reencantar”

¹⁰³ Termo abordado primeiramente em outro ensaio de Weber intitulado *Ética econômica das religiões mundiais*. Cf. WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 206.

¹⁰⁴ WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 114.

¹⁰⁵ WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 161.

esse mundo já desaparecido no presente¹⁰⁶. Não foi por acaso que os inimigos nos livros de ficção góticos do século XVIII e dos medievalistas do XIX eram racionalistas calculistas – como utilitários e defensores do *laissez faire*. Resta-nos então, encontrar no Romantismo e no medievalismo, os passos trilhados por Carlyle na formação de seu líder.

O contato com o Romantismo na década de 1820 não só deu uma base filosófica à Carlyle, mas também o inclinou para a Era Medieval. O deus do romantismo alemão não era estático, mas uma ação constante que movia a tudo e a todos; e os homens eram criaturas ativas e dinâmicas também, criaturas desse deus¹⁰⁷. Foi justamente esse deus dinâmico – e consequentemente esse homem dinâmico – que serviu de base para a produção do ideal de herói para o escocês: porque a própria natureza criadora que entrava nesse grande homem, também dinâmico, conduzia seu tempo a uma nova Era. A busca incansável de Carlyle pelo medievo pode ser resumida na procura de fé e de ordem. Segundo a linguista Alice Chandler, foi em Fichte que Carlyle teve seu primeiro vislumbre da ideia de grandes homens honrados e receptivos ao auto sacrifício. Para Fichte:

[...] Esses homens eram totalmente altruístas, já que colocam o dever sempre diante da felicidade. [...] Como escreveu em *Die Staatslehre*, 'Forçar os homens a um estado de direito, colocá-los à força sob o jugo da lei, não é apenas o direito, mas também o dever sagrado de todos os homens que possuem o conhecimento necessário. Caso necessário, um simples homem tem o direito e o dever de obrigar a humanidade a estar sob esse jugo'¹⁰⁸.

¹⁰⁶ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 53.

¹⁰⁷ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 124.

¹⁰⁸ CAZAMIAN, LOUIS. **Carlyle**, Les grands écrivains étrangers. Paris: Bloud, 1913 apud CHANDLER, Alice. **A Dream of order: the medieval ideal in 19th century English literature**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 125.

Tal citação de Fichte pode ser vista em similitude na Segunda Conferência da obra *Os heróis* (1840), intitulada *O herói como profeta, Maomé: Islam*, em que Carlyle, ao tratar da sinceridade verdadeira dos homens mostrou que o herói não deve sucumbir: “[...] Mesmo que todos os homens esqueçam esta verdade e caminhem em vã aparência, ele não pode [...]”¹⁰⁹.

O medievo foi rejeitado pelos racionalistas do XVIII, especialmente por ser visto como supersticioso; porém, os escritos românticos idealizaram o passado medieval como um período de ação heroica e de crença. Essa estetização do passado também pode ser vista nos escritos do inglês letrado Robert Southey acerca das causas da fragilidade do Império de Portugal após a Revolução do Porto de 1820. A dissertação do historiador André Ramos intitulada *Robert Southey e a Experiência da História de Portugal*¹¹⁰ auxilia e esclarece a percepção de estetização do passado por parte do historiador inglês. Para Southey, a decadência de Portugal se encontrava nas raízes de seu passado medieval; a experiência da história de Portugal, imersa nas supostas permanências do barbarismo feudal e superstições religiosas, deveria servir de aviso para a Grã-Bretanha não tomar o mesmo caminho¹¹¹. Ramos observa que Southey, ao tratar dessas questões, se posiciona como um espectador estrangeiro na realidade portuguesa, além de excluir qualquer participação inglesa que potencializasse uma crise portuguesa. A partir desse estudo sobre as raízes da decadência portuguesa, Ramos conclui dizendo:

O desafio de escrita da história de Portugal por Southey passava pela necessidade de reflexão sobre a importância do legado desta nação para a Europa. Portanto, o projeto de Southey foi elaborado em face tanto da

¹⁰⁹ CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 50.

¹¹⁰ RAMOS, André da Silva. **Robert Southey e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829)**. Minas Gerais: UFOP, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2013.

¹¹¹ RAMOS, André da Silva. **Robert Southey e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829)**. Minas Gerais: UFOP, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2013, p. 188.

vulgarização da percepção de que Portugal estava em descompasso com relação às demais nações europeias, o que foi disseminado de forma anedótica em relatos de viajantes, quanto pela necessidade de incorporação das dimensões do passado que afetavam positivamente o presente. Deve-se considerar que Southey conquistou sucesso editorial tanto arcaizando Portugal em seus relatos de viagens anedóticos, quanto editando romances de cavalarias ibéricas, comprometidos com a demonstração das virtudes medievais cavaleirescas¹¹².

Se a aproximação do homem com a natureza criadora fez com que Carlyle em sua escrita da história assumisse uma filosofia da história por causa da mesma entidade da natureza que era revelada no herói¹¹³, a aproximação entre o homem e a natureza também estava presente também no alemão J. G. Herder, que escreveu que a história do homem é parte da história da natureza em geral, pois foi ela a responsável pela criação dele¹¹⁴. Carlyle e Herder então, partilharam de uma visão semelhante da história da humanidade no que tange ao papel da natureza criadora – por mais que não seja possível estabelecer laços entre ambos; apenas observar como o medievalismo se fez presente tanto na Inglaterra quanto na França e nas regiões germânicas. Podemos ver ainda em Herder, em sua obra *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade*¹¹⁵ (1774) – como o título sugere – o desenvolvimento ensaístico acerca da origem da humanidade e a importância de seus valores fundadores. Para Herder, os primeiros passos para a fundação da humanidade foram como sementes germinadas, invisíveis ao olho nu, dos filósofos que se tornaram o sustentáculo de

¹¹² RAMOS, André da Silva. **Robert Southey e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829)**. Minas Gerais: UFOP, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2013, p. 213.

¹¹³ LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 80.

¹¹⁴ SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010, p. 26.

¹¹⁵ HERDER, Johann Gottfried. **Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade**. Lisboa: Edições Antígona, 1995.

toda a vida¹¹⁶. Esses primeiros passos da humanidade foram lembrados como um glorioso tempo de patriarcas – patriarcal como a vida no medievo – que solidificaram as primeiras relações sociais e foram semente da árvore das grandes civilizações e de suas inclinações. Podemos nesse momento usar uma citação dessa obra de Herder que justificou o olhar para o medievo como uma época de valores prósperos e de relações estruturadas:

Que inclinações foram essas? Que haviam elas de ser? As mais naturais, as mais fortes, as mais simples! Servindo de eterno fundamento à formação do homem ao longo de todos os séculos. Sabedoria em vez de ciência, temos a Deus em vez de sabedoria, amor paternal, amor dos esposos, amor filial em vez de amaneiramento e devassidão, ordenação da vida, poder senhorial e governação divina de uma casa, imagem primordial de toda a ordenação e organização social... É experimentar em tudo isto o prazer simples, mas profundo, de ser humano... Como poderia tudo isto ter sido, não direi criado, mas apenas constituído e desenvolvido, senão por intermédio daquele poder sereno e eterno que dimana de um modelo, da autoridade que se espalha à volta de uma série de modelos? [...] ¹¹⁷

A busca pela fé foi uma das chaves para o medievalismo *caryleano*, pois era um período de crença, mas de crença e religiosidade em ações, não na liturgia em si. Sem essa religião – ou religiosidade –, não haveria esperança num bom governo. Em sua Primeira Conferência da obra *Os heróis* (1840) intitulada *Os heróis, o culto dos heróis e o heroísmo na história*, Carlyle escreveu:

Diz-se muito bem, em todos os sentidos, que a religião dum homem é o principal ato que lhe respeita. Dum homem ou duma ação de homens. Por religião, eu não significo aqui o credo da igreja que ele professa, os artigos de fé que ele assina e, por palavras ou de outro modo, que

¹¹⁶ HERDER, Johann Gotfried. **Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade**. Lisboa: Edições Antígona, 1995, p. 7-8.

¹¹⁷ HERDER, Johann Gotfried. **Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade**. Lisboa: Edições Antígona, 1995, p. 9.

defende. Não isto inteiramente, em muitos casos não isto absolutamente. Nós vemos homens de todas as espécies de credos professados chegar a quase todos os degraus de dignidade ou indignidade. Isto não é o que eu chamo de religião, esta profissão e defesa; que é muitas vezes uma profissão e defesa que provém das exterioridades do homem, da sua mera região argumentativa, se vier de tão fundo como isso. Mas a coisa em que um homem praticamente acredita (e isto bastantes vezes sem ele o asseverar, nem sequer para si próprio e muito menos para os outros); a coisa que praticamente um homem toma a peito, e conhece como certa, acerca das suas relações vitais com este misterioso universo, e o seu dever e destino ali, que é em todos os casos a coisa primária para ele, e que criativamente determina todo o resto. Isso é sua *religião*; ou, talvez, o seu mero ceticismo e *não-religião*: a maneira na qual ele se sente espiritualmente conexo com o mundo invisível ou não-mundo; e, quero acentuá-lo, se me disserdes o que isso é, vós dizeis-me numa grande extensão o que o homem é, que espécie de coisas ele fará [...] ¹¹⁸

Outro literato que questionou seu presente recorrendo ao medievalismo, assim como Carlyle, foi Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon (1760 —1825), filósofo e economista francês, teórico do socialismo utópico. Junto com seus pupilos, Saint-Simon observou na história o caráter cíclico da civilização por momentos orgânicos – bons – por causa da união pela fé, e momentos críticos – ruins – pela ausência desta união. O curioso desse movimento é que, ao mesmo tempo, haveria um progressismo no que tange ao movimento civilizacional de ir cada vez mais para uma Era de Ouro. Saint-Simon viu na época medieval um único corpo político, fundado na religião e no militarismo. As ordens que detinham a liderança protegiam militar e espiritualmente as classes inferiores; essas classes podiam não ser livres, mas aproveitaram de uma segurança que seus descendentes do século XIX não vivenciaram em seu cotidiano. Assim como Carlyle, Saint-Simon não quis o retorno do medievo, mas um exemplo de ordem e fé para um futuro. O poder, segundo Saint-Simon, deveria ficar nas mãos de cientistas e industriais que protegeriam os menos abastados. Tal atitude

¹¹⁸ CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 10.

posteriormente deveria assumir um caráter globalizante com nações desenvolvidas industrialmente ajudando as que não estavam. Faz-se necessário a seguir, a análise sobre a obra que foi retrato do medievalismo *carlyleano*, intitulada *Past and Present*.

3. CONSERVADORISMO, REFORMISMO E LIDERANÇA

3.1. A ideologia conservadora e a resistência à Modernidade

O conservadorismo pode ser entendido como uma ideologia política moderna, originária de fins do século XVIII e que remonta muitas vezes – principalmente na Europa – a uma reação à filosofia da história iluminista, personificada fisicamente com a eclosão da Revolução Francesa em 1789. Os usos da expressão “conservador” remontaram, na maioria das vezes – entre a última década do século XVIII e as duas décadas iniciais do século XIX – a um termo pejorativo às classes reacionárias que almejavam o restabelecimento do *establishment* pós-Revolução na Europa. Foi somente na França da década de 1820 – por Chateaubriand em seu jornal *Le Conservateur* – e na Inglaterra de 1835 – como designação oficial do partido *tory* – que a expressão “conservador” fora adotada para além dos usos jocosos. Por sua diferente adoção em diversos países da Europa e América, proveniente de contextos e realidades culturais distintas, é imperativo que consideremos os usos do termo “conservador” em diferentes cenários e lugares temporais; apesar de que pontos em comum circundam o espectro do conceito que podem ser generalizados quando tratamos *conservadorismo* no singular. Segundo o historiador americano George Nash, parte significativa dos intelectuais conservadores apontam para a não-sistematização de uma doutrina própria que os informe, política e filosoficamente, acerca de uma agenda x ou y; pois como houve (e há) uma gama de agendas conservadoras submetidas a uma tradição específica, o conservadorismo tem reclamado para si um caráter não-ideológico¹¹⁹.

Um filósofo conservador que assumiu o destaque por essa não-ideologia foi o historiador britânico Michael Oakeshott. Em sua obra intitulada *Ser conservador*

¹¹⁹ TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 86-107, dezembro 2015, p. 101.

(1956)¹²⁰, Michael Oakeshott defende o conservadorismo como uma disposição ou impulso; não podendo de forma alguma ser tomado como uma doutrina ¹²¹. Entretanto, o britânico procura deduzir os princípios gerais do que seria essa predisposição conservadora. Segundo ele, ser conservador é estar propenso a “[...] usar e aproveitar o que se encontra disponível ao invés de ir inventar algo novo [...]” ¹²². Diferentemente de muitos conservadores – incluindo Thomas Carlyle –, Oakeshott não está preocupado com as experiências do passado, mas com o regozijo com o presente disponível; se há um amor ao passado, ele vem pela gratidão e pelo que está presente como herança, mas sem idolatria¹²³. A familiaridade com o presente deve ser sempre o que há de mais caro ao conservador, com a exceção de um presente instável, o qual estimularia o conservador a buscar no passado o que for firme e confiável. A defesa de um conservadorismo fora de uma doutrina se percebe ao longo de todo o ensaio de Oakeshott, uma vez que não há – dentro de sua escrita – a distinção entre ser conservador nas escolhas triviais da vida privada e na política, como nessa passagem:

Ser conservador é, pois, preferir o familiar ao estranho, preferir o que já foi tentado a experimentar, o fato ao mistério, o concreto ao possível, o limitado ao infinito, o que está perto ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, a risada momentânea à felicidade eterna. Relações familiares e lealdades têm preferência sobre o fascínio pelas alianças de momento; comprar e aumentar é menos importante do que manter, cultivar e aproveitar; a tristeza da perda é mais aguda do que a empolgação pela novidade e pela promessa. Significa viver dentro dos limites do patrimônio, usufruir dos meios possíveis à riqueza, contentar-se

¹²⁰ OAKESHOTT, Michael. Ser conservador. In: OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

¹²¹ TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 86-107, dezembro 2015, p. 101.

¹²² OAKESHOTT, Michael. Ser conservador. In: OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016, p. 135.

¹²³ OAKESHOTT, Michael. Ser conservador. In: OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016, p. 135.

com a necessidade de maior perfeição que é exigida a cada um em dada circunstância. Para algumas pessoas essa postura seria fruto de uma escolha; para outras seria uma predisposição que surge naturalmente, com maior ou menor frequência, em suas preferências e aversões, sem que tenham sido escolhidas ou especificamente cultivadas.¹²⁴

O cientista político britânico Andrew Vincent faz uma feroz crítica ao duplo uso da expressão que, na busca de manter uma coerência de pensamento, usa a noção de “conservar” de forma costumeira e usual; sendo taxada pelo britânico de inútil ¹²⁵. Apesar disso, certas elucidações de Michael Oakeshott podem ser observadas em diversos filósofos tidos como conservadores, incluindo a aversão às mudanças bruscas com o medo da perda de identidade e a aceitação com o olhar cauteloso acerca das mudanças de forma bem gradativa, que mantenha uma aparência de continuidade¹²⁶. Segundo Vincent, esse conservadorismo “como disposição da mente ou do hábito” é visto como um conservadorismo como parte da essência da própria vida, uma propensão da mente humana em que há uma confiança na experiência e desconfiança em relação ao desconhecido; uma preferência aos hábitos já experimentados. Mostra-se como uma defesa de um conservadorismo natural, tentando sustentar que o conservadorismo não envolve ideias e tenta persuadir com elementos ideativos e sutis uma origem da motivação humana por meio de argumentos enganosos¹²⁷. Faz-se importante esmiuçar o que é conservadorismo como ideologia; como um conjunto de conceitos, ideias e valores que podem ser articulados racionalmente e que mostram uma mínima coerência acerca de uma gama de temas caros a quem as defende¹²⁸. Para muitos escritores autodeclarados conservadores, como visto em Michael Oakeshott, chamar o conservadorismo de ideologia é ir contra a natureza do

¹²⁴ OAKESHOTT, Michael. Ser conservador. In: OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Belo Horizonte: Editora Áyiné, 2016, p. 137.

¹²⁵ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 68.

¹²⁶ OAKESHOTT, Michael. Ser conservador. In: OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Belo Horizonte: Editora Áyiné, 2016, p. 138-139.

¹²⁷ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 67.

¹²⁸ VINCENT, Andrew. British Conservatism and the Problem of Ideology. **Political Studies**, XLII, 1994, p. 206.

próprio pensamento. Entretanto, não existe incongruência no uso do conservadorismo como ideologia política.

O uso do conceito de “ideologia” permeou os escritos políticos desde seu primeiro uso na França revolucionária pelo francês Antoine Debut de Tracy na década de 1790, cunhada com um propósito de corresponder a um novo tipo de ciência sobre as ideias¹²⁹; porém teve seu sentido reinterpretado ao longo dos séculos XIX e XX. O que inicialmente foi um termo para uma ciência empírica, passou a ser usado, a partir de meados do século XIX na Europa, como um termo pejorativo denotando uma pobreza intelectual e um perigoso radicalismo de pensamento. Por mais que a “ideologia” de Tracy tenha sido criada para um distanciamento da metafísica e uma aproximação pragmática, foi justamente em Karl Marx que o conceito ganhou uma conotação de impotência prática, ilusória e de perda da realidade¹³⁰. Muito dessa crítica de Marx esteve ligada ao pequeno grupo identificado como *idéologues*: intelectuais e pequenos burgueses herdeiros do pensamento de Tracy e assumidamente liberais.

Foi a partir do século XX que o termo assumiu novas conotações dentro do debate político; Lênin foi enfático em categorizar o socialismo como uma ideologia, como uma contraposição ao que ele chamou de ideologia burguesa. Nas primeiras décadas do século XX, a importância da ideologia como ferramenta de transformação assumiu o sinônimo efetivo de doutrina política, afinal. Esse novo corpo de ideias tornou a ideologia como objeto de estudo da sociologia e de outros campos dentro das academias; essa assimilação da ideologia nas ciências sociais – com profissionais especializados em sua análise – acarretou num esvaziamento de sentido utópico e pungente na vida prática e nos debates políticos em prol de uma “disciplinarização” rigorosa e previamente pensada. Muito dessa nova realidade atribuída à ideologia foi produto dos fenômenos traumáticos do século XX: com a ascensão e queda dos regimes fascistas e com os relatórios acerca

¹²⁹ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 13.

¹³⁰ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 16.

dos horrores causados pelo regime de Josef Stálin durante seu período de governo da União Soviética até 1953, a ideologia política passou a ser vista como algo irracional, radical e perigoso, em que as emoções tinham força para mover massas e provocar as maiores catástrofes da humanidade. Ideologias foram relacionadas nas décadas seguintes, para pensadores de diversos espectros políticos, aos fenômenos do totalitarismo e a uma simplificação da realidade; passaram a ser o oposto de uma sociedade racional e tolerante. O britânico Andrew Vincent pontua de forma assertiva a exclusão do liberalismo, do conservadorismo e da socialdemocracia nisso que se chama “fim da ideologia”¹³¹. A ideologia como objeto de estudo, em certo ponto, ajudou a legitimar discursos liberais e conservadores e produziu um falso distanciamento entre ideologia e ciência política, uma vez que muitos dos que discutiam e ainda discutem a ideologia procuram se legitimar com uma premissa de neutralidade e de anti-ideologia. Tal neutralidade e distanciamento da ideologia é duramente combatida pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek ao realizar o seguinte questionamento:

[...] acaso a crítica da ideologia não implica um lugar privilegiado, como que isento das perturbações da vida social, que faculta a um sujeito-agente perceber o mecanismo oculto que regula a visibilidade e a invisibilidade sociais? A pretensão de podermos aceder a esse lugar não será o exemplo mais patente de ideologia? [...] ¹³²

Cabe salientar que, se a ideologia é uma simplificação do caráter da realidade com conteúdo prescritivo, todas as concepções políticas modernas – incluindo o conservadorismo e o liberalismo – invariavelmente entrariam nessa categorização. Andrew Vincent – sob a teoria da linguagem do filósofo Wittgenstein – desmistifica a separação entre uma suposta ciência política “neutra” e a ideologia ao afirmar que essa “[...] não é uma imagem distorcida do mundo, mas é parte do mundo das

¹³¹ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 21-22.

¹³² ŽIŽEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund.; ŽIŽEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 9.

palavras e da ação [...]”¹³³. Apesar de até hoje ser usada em tom jocoso como perspectiva limitada ou enviesada, a “[...] ideologia pode denotar uma perspectiva política individual: um conjunto específico de concepções que pretendem legitimar o poder político ou todas essas concepções políticas [...]”¹³⁴. Não existiu doutrina política moderna que não procurou legitimar seu discurso a partir de uma propensão humana que naturalizasse a doutrina como uma verdade absoluta – o que se torna ainda mais duvidoso em comprar a premissa da neutralidade de qualquer ponto de vista especialmente após a crise do estruturalismo na década de 1970, na qual as ciências humanas entraram em colapso com o chamado giro *linguístico* e *hermenêutico* –, como a única forma do homem agir. Sobre a natureza humana como um fator fundamental para a aceitação e penetração da ideologia como discurso, Vincent declara que “[...] a maioria das ideologias reivindica uma linhagem antiga, indicando em alguns casos que correspondem a necessidades humanas perenes e a-históricas, implícitas na natureza humana. Isso dá mais *gravitas* às suas teorias. [...]”¹³⁵. Essa reivindicação será analisada posteriormente sobre a natureza humana dentro do conservadorismo.

Portanto, a não ser por um preconceito linguístico, não há uma distinção entre ideologia política e doutrina política: não passam de um corpo de conceitos latentes que descrevem o ser humano e criam recomendações ao mesmo tempo; englobam inclusive o pensamento conservador ao longo de sua trajetória. Mesmo em algum momento de atitude contemplativa que não se tenha a menor noção da sua dependência em relação à realidade social ¹³⁶, há sempre a ideologia. Sendo o conservadorismo uma ideologia, faz-se necessária uma breve elucidação sobre sua origem e estopim dentro do discurso político: a reação à chamada “Modernidade”.

¹³³ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 27.

¹³⁴ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 27.

¹³⁵ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 30-31.

¹³⁶ ŽIŽEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund.; ŽIŽEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 9.

O historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006) em seu ensaio intitulado “*Modernidade*” – *Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade*¹³⁷, define “Modernidade” como um período originado especialmente com os enciclopedistas franceses do século XVIII ao definir que a história pode ser interpretada universalmente e que sua reflexão e consciência do movimento rumam em direção ao progresso. Tal filosofia do progresso acarretou numa gama de transformações profundas – tais como as Revoluções Francesa e Industrial – no cenário europeu de forma constante e em movimento a partir do último decênio do século XVIII; a esse fenômeno de progresso e reformismo e de constante movimento dá-se o nome de “aceleração temporal”¹³⁸. É nessa dinâmica histórica dependente de categorias temporais de movimento¹³⁹ que se pode inferir, a partir de Koselleck, que o conservadorismo pode ter surgido como uma tentativa de retardamento e freio dessa aceleração. O conservadorismo, assim como as diversas ideologias políticas que se originam como afirmação ou antagonismo dessa filosofia da história do progresso – liberalismo, socialismo, monarquismo –, se iniciou de forma voluntária ou compulsória – uma vez que muitos grupos sociais não viam interesse inicial em serem inseridos nas disputas políticas – dentro das disputas de narrativas e projetos iniciados pela filosofia da história progressista e pelo iluminismo.

Desde o final do século XVIII, desde que lhes foi dado um nome ou atribuído um sentido, os conceitos de filosofia histórica e da ciência

¹³⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Modernidade – Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade*. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹³⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Modernidade – Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade*. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 286-287.

¹³⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Modernidade – Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade*. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 294.

iluministas – inicialmente, conceitos teóricos – integraram-se ao arsenal legitimador de todos os grupos políticos e sociais: a “história em si”, que deveria ser criada ou pela qual deveríamos nos sentir responsáveis; o “desenvolvimento” que se deve seguir; o “progresso” que deve ser impulsionado ou freado; o dever, ou mesmo a necessidade, de se ter uma “posição”, de se tomar partido para se poder atuar politicamente; e, por último, e em consequência disso, conforme a posição no espectro dos possíveis projetos para o futuro, a tarefa de impulsionar ou ultrapassar outras posições, grupos, estamentos, classes, nações, ciências e conhecimentos ¹⁴⁰.

Cabe destacar que o maior produto dessa filosofia do progresso combatida por diversas vertentes do conservadorismo foi o moderno conceito de “revolução”. Se o antigo uso de “revolução” incluía um retorno regular de uma série de formas de governos ou em irrupções – herdeira da ideia copernicana de “revolução” dos astros –, este se modificou com a inclusão da Revolução Francesa, da industrialização e do domínio social no conceito moderno. Diferentemente da definição *copernicana*, esse conceito de revolução – desde o século XIX – seguiu o caminho de processos ininterruptos de crises e guerras e se definiu como uma mudança permanente¹⁴¹; o conservadorismo do século XIX – a excluir o conservadorismo liberal – dedicou sua agenda à ruptura dessa permanência. Essa agenda englobou pensadores e literatos de diversas nacionalidades – especialmente europeias, uma vez que o conservadorismo norte-americano apresenta maior flexibilidade e aceitação com o liberalismo –, incluindo o britânico Thomas Carlyle.

¹⁴⁰ KOSELLECK, Reinhart. Modernidade – Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 294.

¹⁴¹ KOSELLECK, Reinhart. Modernidade – Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 298.

Entretanto, muitos dos estudiosos que se debruçam sobre a análise da ideologia conservadora, veem no britânico Edmund Burke (1729-1797) um marco referencial de origem do pensamento conservador. Analisando a trajetória política de Burke – por ser membro do partido *Whig* e pelo seu apoio ferrenho às Revoluções Gloriosa de 1688 e dos Estados Unidos de 1776 – percebe-se o motivo de outros tantos encontrarem dificuldades acerca da premissa sobre o próprio Burke ser um conservador. Se Burke não o é, ao mínimo pode-se inferir que sua obra *Reflexões sobre a Revolução na França* (1790)¹⁴² foi revisitada de forma recorrente e inspiradora para diversos filósofos do conservadorismo ao longo dos séculos subsequentes. Redigida um ano após a Revolução Francesa, *Reflexões* pode ser vista como uma das pioneiras obras de cunho contrarrevolucionário e reativas da Modernidade. Tal ensaio é tratado por conservadores posteriores como uma pedra angular do movimento. O Estado era tratado como uma empresa comunal com qualidades orgânicas; as tradições por si só estimulariam naturalmente pequenas mudanças de forma superficial e despretensiosa¹⁴³. As obras clássicas identificadas com o conservadorismo tradicionalista direcionaram suas críticas majoritariamente às ideias da Revolução Francesa provenientes do iluminismo: a universalidade do homem; os homens como iguais e passíveis de se aprimorarem a partir da razão humana e das reformas institucionais e políticas. Para Edmund Burke – e para a grande maioria dos conservadores ao longo da história – a ideia de perfectibilidade do ser humano vai contra a sua natureza; haveria uma capacidade limitada de altruísmo no homem, uma forte tendência à corrupção e ao egoísmo¹⁴⁴. Se o homem não é uma máquina racional, mas mesclado de emoções e paixões, a melhor forma de governo partiria da experiência de sua pátria; o olhar ao passado representaria a prudência de saber se utilizar das instituições tradicionais para mediar pequenas mudanças pontuais:

¹⁴² BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: EDIPRO, 2014.

¹⁴³ BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 73.

¹⁴⁴ Egoísmo este visto com bons olhos por certos setores da Nova Direita do século XX.

[...] Assim, segundo o método natural na condução do Estado, no que melhoramos nunca somos completamente novos, e no que conservamos nunca somos completamente obsoletos. Permanecendo ligados a nossos ancestrais desta maneira e sobre estes princípios, não nos guiamos pela superstição de antiquários, mas pelo espírito de analogia filosófica. Nessa escolha de herança, demos à nossa moldura política a imagem de uma relação de sangue; unindo Constituição de nosso país aos nossos mais caros laços domésticos; adotando nossas leis fundamentais no seio de nossas afeições familiares; mantendo inseparáveis e cultivando com o calor de todos os seus benefícios combinados e recíprocos, nosso Estado, nossos corações, nossos sepulcros e nossos altares. ¹⁴⁵

Infere-se então que, para Burke, o fundamento da ação humana não é a razão teórica, mas as práticas e preconceitos (*prejudice*) quotidianos; qualidades que eram provenientes de uma sociedade que existiria como um corpo social vivo que se reformaria de forma natural. “As tendências comunitárias e anti-individualistas do conservadorismo derivam, até certo ponto, da analogia orgânica. O indivíduo é parte de um todo orgânico e só pode ser compreendido através do organismo indiviso [...]”¹⁴⁶. Se tal sociedade flui como um organismo, a hierarquia é encarada como natural e como uma propensão dos que nasceram para tais atribuições, a sociedade é então percebida hierarquicamente pelo conservadorismo tradicionalista. Existe então uma cíclica dependência de deveres – e esses deveres e responsabilidades permearão todo pensamento conservador – de cada membro do corpo social. Os direitos em Burke estão abaixo dos deveres; uma noção comunitária acima do individual¹⁴⁷. Logo, a disposição da Revolução Francesa em esfacelar o poder da nobreza é vista por Edmund Burke como uma anomalia, uma tentativa frustrada de tábula rasa para um país de tamanha tradição institucional:

¹⁴⁵ BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 55-56.

¹⁴⁶ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 83-84.

¹⁴⁷ TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 86-107, dezembro 2015, p 108.

Encaro esse clamor violento contra a nobreza como algo meramente artificial. Receber honras e mesmo privilégios das leis, das opiniões, dos usos arraigados de nosso país, nascidos do preconceito dos séculos, não é algo que deva provocar horror e a indignação de ninguém. Tampouco constitui um crime a defesa ardorosa de seus privilégios. A dura combatividade que se encontra em cada indivíduo para preservar a posse do que ele acha que lhe pertence e o distingue é uma das garantias contra o despotismo e a injustiça enraizados em nossa natureza [...] ¹⁴⁸.

Edmund Burke – a despeito da dificuldade de denominá-lo um conservador – teve profunda influência tanto no conservadorismo inglês associado a um paternalismo e aos ideais românticos, quanto no conservadorismo francês, associado a uma efetiva reação aristocrática até certo ponto. Faz-se necessária uma maior diferenciação das manifestações conservadoras na França – especificamente em Joseph de Maistre – e da linhagem inglesa – da qual Carlyle se insere.

3.2. Reação e contrarrevolução *maistreana*

Nessa tradição de conservadorismo como reação da quebra do Antigo Regime se destaca o filósofo francês – originado da Saboia – Joseph de Maistre (1753-1821), em especial com a produção de sua obra de maior notoriedade para o pensamento conservador, *Considerações sobre a França* (1797)¹⁴⁹. A grande particularidade de Maistre não se resume apenas à interpretação apocalíptica da Revolução Francesa, mas à sua própria mudança, ao longo de sua vida, sobre tal fenômeno histórico. Maistre se destacou ao longo de sua vida por seu ímpeto de participar política e ativamente da ação do Estado monárquico – não só da

¹⁴⁸ BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: EDIPRO, 2014, p 155.

¹⁴⁹ MAISTRE, Joseph de. *Considerações sobre a França*. In: SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Saboia, mas da própria França –, especialmente por pertencer a uma nobreza togada¹⁵⁰. Joseph de Maistre iniciou sua vida política e intelectual como um forte entusiasta dos poderes intermediários do Estado; nesse caso, da influência da aristocracia nas decisões reais. Por muitos anos foi um ferrenho crítico do uso da força da monarquia e enxergou justamente na aristocracia uma balança que equilibraria a força do Estado. Como aristocrata, Maistre era considerado esclarecido e leitor ávido de Montesquieu, somada à sua criação católica severa. Essa dupla afeição entre iluminismo e conservadorismo pode ser explicada nas palavras do historiador – e especialista em Maistre – José Miguel Nanni Soares:

“Ilustrado” em razão de sua familiaridade com a filosofia das Luzes, sua paixão e curiosidade por livros, jornais e ideias, seu moderado galicismo (descentralização da Igreja), sua oposição à Luís XIV e defesa dos corpos intermediários – como o Senado da Saboia –, seu desacordo ante os excessos de uma política militarista, parlamento inglês. “Conservador”, por sua adesão à Igreja Católica e crença na excelência das instituições monárquicas, por seu receio em relação aos excessos da democracia, pelas críticas ao filosofismo e, finalmente, pela convicção de que as reformas devem ser lentas e graduais, com observância das tradições e guardando o caráter absoluto da monarquia

¹⁵¹.

Apesar de sua inicial aprovação pré-revolucionária na medida em que era favorável a certas mudanças no que diz respeito ao crescimento da ação e limitação do poder real pela aristocracia francesa, Joseph de Maistre se tornou ferrenho opositor com os resultados decorrentes dessa revolução, especialmente a perda do poder aristocrático na França, a exigência do voto por cabeça do Terceiro Estado na Assembleia Nacional e o próprio Terror subsequente. Segundo

¹⁵⁰ Togada: de antigos burgueses que compraram títulos e de membros do corpo administrativo que receberam honrarias dos antigos monarcas; eram menosprezados pela nobreza de linhagem – ou da espada – por terem sido originalmente plebeus. Cf. LEFEBVRE, Georges. **1789: o surgimento da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 40.

¹⁵¹ SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 37-38.

o cientista político Corey Robin, “[...] a mera possibilidade de uma irrupção na estrutura de poder privada é capaz de transformar um ‘homem de reforma em um homem de reação’[...]”¹⁵². Para Robin, o conservadorismo teria menos problemas com direitos participativos adquiridos para instâncias públicas do que em instâncias público-privadas: família, campo, indústria – ou no caso de Maistre, no recrudescimento do Terror contra a aristocracia francesa. O “conservadorismo *maistreano*” é bem típico da realidade dos monarquistas após a Revolução: uma reação e ensejo contrarrevolucionário em restabelecer o *status quo*; uma meditação sobre a experiência de se ter poder, perder esse poder ameaçado e depois tentar retomá-lo, ou apenas mantê-lo¹⁵³. Nas *Considerações*, fica implícito que Maistre fez parte de um típico conservadorismo francês no século XIX: uma visão de mundo mais moralista e religiosa, invocando a ordem e as verdades religiosas eternas. Encarava a soberania do povo – democracia – como um sistema fadado a produzir inexoravelmente a opressão da maioria por uma elite política oligárquica. Joseph de Maistre não via com bons olhos a individualidade e a independência dos preceitos religiosos para se reger a vida; não à toa que foi um grande crítico do ceticismo e racionalismo das Luzes. A individualidade gera uma sociedade de massa para Maistre; constituída de indivíduos alienados e isolados – Alexis de Tocqueville posteriormente trataria disso. Uma importante característica do conservadorismo *maestriano* exposta na obra – a despeito da sua simpatia pré-revolucionária com o iluminismo – é a ideia de que o homem veio do pecado original e, por isso, é imperfeito, indo totalmente contra os preceitos da ilustração. Para Maistre, vivemos num mundo decaído e pecaminoso, junto com as obras humanas:

Nas obras do homem tudo é pobre como o autor; os desígnios são restritos; os meios, rígidos; as molas, inflexíveis; os movimentos,

¹⁵² TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 86-107, dezembro 2015, p. 103.

¹⁵³ TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 86-107, dezembro 2015, p. 103.

penosos, e os resultados monótonos. Nas obras divinas, as riquezas do infinito manifestam-se mesmo nos menores elementos; sua potência opera entreteendo-se; em suas mãos tudo é flexível, nada lhe resiste; para ela, mesmo os obstáculos servem de meios; e as irregularidades produzidas pela ação dos seres livres incorporam-se à ordem geral¹⁵⁴.

Maistre encarava a Reforma, a Ilustração e a Revolução como momentos distintos do mesmo projeto moderno de esforço de autonomia individual e coletiva, tornando-se o primeiro crítico desse projeto global que ele identificava como avanço do “individualismo” e pioneiro de uma crítica ao progressismo¹⁵⁵.

Acerca do papel do homem na história – diferentemente do herói *carlyleano* – Maistre esboçava um ceticismo, pois para o saboiano, a Providência governava e decidia o que era melhor para o homem, sendo esse apenas mais um corpo a ser arrastado pela corrente da história. Realizando os devidos acréscimos: se a história em si carregava a tudo e a todos, a Revolução Francesa também se mostrou uma força incontrolável para Maistre; encarada como uma punição divina contra as tentativas do homem de se desprender da religiosidade.

Constatou-se, com muita razão, que a Revolução Francesa conduz os homens mais do que é conduzida pelos mesmos. Essa observação é da maior exatidão e, ainda que possamos aplicá-la mais ou menos a todas as grandes revoluções, nunca, porém, foi mais evidente do que nesta época.

Os próprios celerados que pareciam conduzir a revolução, dela não participaram como simples instrumentos; e desde o momento que têm a ambição de dominá-la, caem de modo ignóbil. Os que estabeleceram a República, fizeram-no sem querê-lo e ignorando o que faziam; foram

¹⁵⁴ MAISTRE, Joseph de. Considerações sobre a França. In: SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução.** 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 170 -171.

¹⁵⁵SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução.** 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 11-12.

levados a isso pelos acontecimentos: um plano anterior não teria triunfado. [...] Enfim, quanto mais se examinam os personagens aparentemente mais ativos da Revolução, mais claramente divisa-se neles alguma coisa de passivo e mecânico. Nunca será demasiado repetir: não são os homens que conduzem a revolução, é a revolução que emprega homens. Fala-se com precisão, quando se diz que *ela caminha sozinha*. Essa frase significa que jamais a Divindade se revelou de uma maneira tão clara em algum acontecimento humano. Se ela emprega os instrumentos mais vis, é porque pune para regenerar¹⁵⁶.

Afinal de contas, se Deus – por meio da hierarquia social – deixava o ser humano livre dentro de seus limites, esse projeto revolucionário, com sua ambição de se fundar uma sociedade baseada na razão abstrata e na vontade individual, era despótico e fadado a tirar as verdadeiras liberdades individuais; liberdades essas protegidas apenas com o círculo das tradições e não nas leis¹⁵⁷.

3.3. Reformismo e liderança *carlyleana*

Por mais que Thomas Carlyle não partilhe de todas essas assertivas do conservadorismo francês, o surgimento do conservadorismo é comum a diversos países europeus no que tange aos problemas estruturais comuns aos Estados Modernos no século XIX: unidade nacional, participação popular, incorporação do Estado na ordem econômica mundial e solução para a questão social¹⁵⁸. É importante salientar que o conservadorismo, mesmo sendo ideológico, não é

¹⁵⁶ MAISTRE, Joseph de. Considerações sobre a França. In: SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 173-175.

¹⁵⁷SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 12.

¹⁵⁸ MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). **Karl Mannheim: sociologia**. São Paulo: Ática, 1982, p. 113.

hegemônico; por ser uma doutrina profundamente enraizada no historicismo¹⁵⁹, podemos falar de “conservadorismos”, mesmo que haja alguma pauta em comum.

Como ideologia, percebe-se, nos escritos de Thomas Carlyle, um conservadorismo com plano de governo e sem nenhuma ressalva em adaptar o novo à sua reestruturação social idealizada. Em *Chartism* (1839), por exemplo, se viu uma tentativa do escocês em propor mudanças para apaziguar o caos imperante nos bolsões urbanos. Carlyle viu o abandono das classes abastadas para com seu povo; defendeu uma orientação das classes responsáveis, uma educação popular – diga-se alfabetização – e uma emigração planejada – realocação desses trabalhadores – para se dispersar as grandes regiões de miséria. Quanto às exigências por democracia, Thomas Carlyle considerava como um capricho, pois a democracia seria um mero instrumento para uma maior individualização do ser humano que, acima de tudo, procuraria apenas seus próprios interesses. Porém foi justamente em *On Heroes* (1841) que Carlyle manifestou que a ausência de fé e ordem – ligada a uma forte liderança – por meio do resgate de diversas figuras históricas que, de uma forma ou de outra, se muniam de um forte instinto de liderança. Os heróis liderariam o povo rumo à plenitude de sua geração e de sua sociedade; liderança essa fundamental para se estabelecer ordem social. Percebe-se então que o ensejo por novos líderes e pelo restabelecimento de uma fé constituiu uma proposta de mudança do *establishment* inglês, mesmo aparentemente essa mudança não sendo tão maléfica para os conservadores do XIX. Apesar da ideia de que, para o conservadorismo, exista uma noção do que seria uma mudança aceitável e uma mudança não aceitável; sendo a primeira desejável e necessária e a segunda uma

¹⁵⁹ Seguindo parte das definições semânticas oferecidas pelo historiador alemão Gunter Scholtz, historicismo pode ser definido – como um dos múltiplos significados – como uma limitação da pesquisa histórica à coleta de dados históricos inseridos em um tempo e espaço, desprendidos da filosofia da história racionalista do iluminismo. A visão glorificadora e retrospectiva do passado também pode ser uma definição de historicismo e amplamente arraigado com o conservadorismo. É importante frisar que historiadores historicistas ao longo dos séculos XIX e XX não estavam involuntariamente presos a uma visão de mundo conservadora, porém a maioria dos intelectuais conservadores se define como historicista. Cf. SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 6, p. 42-63, 2011.

ruptura sem propósito aparente – revoluções, por exemplo –, as propostas de Carlyle podem ser vistas como um reformismo profundo; esse reformismo, mesmo transformador, se usaria das condições dispostas e das hierarquias sociais vigentes, com plano de governo e conformação com as mudanças.

O conservadorismo romântico e paternalista foi adotado por alguns pensadores britânicos; nele ocorre a nostalgia de um passado idealizado e pastoral – como veremos em *Past and Present*. Para os românticos, a cultura industrial mecanicista levava à alienação e desumanização da sociedade; defendendo uma forma de vida mais simples, religiosa e comunal¹⁶⁰. Entretanto, é pertinente esclarecer certas diferenciações entre industrialização e as relações de trabalho nela vigentes. O espanto e as reflexões acerca da condição social inglesa no século XIX expressadas por Thomas Carlyle não foram direcionadas às inovações tecnológicas ou aos maquinários de produção – tanto que a industrialização na Escócia já fazia parte dos primeiros anos de vida de Carlyle –, mas às relações de trabalho, às condições de subsistência dos operários e às características presentes nos hábitos do homem inglês *oitocentista*, tais como o individualismo e o culto ao dinheiro. Percebe-se, na obra *Past and Present* (1843), essas características do conservadorismo romântico. Porém, diferentemente da melancolia e estagnação dos românticos frente à Modernidade, a obra de Carlyle definitivamente foi marcada pela tentativa de reestruturação social. Muito dessa ação se deve a outra concepção de paternalismo conservador que partiu não tão somente de ensaístas como Carlyle, mas de ativos membros do corpo político do Reino Unido.

Esse paternalismo conservador defende a grande ação do Estado; um governante que alcance todos os seus cidadãos em políticas públicas – a exemplo, como visto anteriormente, de diversos bairros de Londres que efetivamente não tinham a ação estatal. Uma das principais pautas é a promoção de uma vida satisfatória e

¹⁶⁰ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 73.

zelosa para seus cidadãos e um forte elemento humanitário associado à responsabilidade das elites, as quais têm deveres para com os mais necessitados, proporcionando a garantia de boas condições de trabalho. Nessa concepção, a maior crítica sistemática vai contra o egoísmo e interesse restrito; uma crítica ao individualismo e uma considerável preocupação com melhores condições de trabalho nas fábricas¹⁶¹. Tal empatia e zelo para com o povo fizeram parte dos escritos *carlyleanos* até – pelo menos – *Past and Present*, foi apenas posteriormente – somado ao crescimento da máquina pública democrática e às efervescências do socialismo – que Carlyle passou a adquirir uma aversão às massas em prol dos grandes tiranos e estadistas. Para Carlyle, a maior inspiração reformista para a Inglaterra vem da valorização das comunidades orgânicas e pastoris do Medievo para transpor para o presente uma ideia de comunidade e pertencimento a todos os cidadãos:

Uma das implicações da comunidade orgânica é a veneração pelos costumes estabelecidos. A devoção à ordem estabelecida é, necessariamente, concomitante à apreensão da tradição. A tradição incorpora mais sabedoria do que o indivíduo, visto personificar um estilo concreto de vida por várias gerações. As tradições podem ser confiáveis, ao contrário das teorias abstratas. A mudança, em si, em uma tradição não é repudiada, mas sim o 'espírito egoísta da inovação' que muda, em bases racionais, pela própria mudança em si¹⁶².

A obra *Past and Present* é dividida em quatro momentos: 1) *Proem*, vem para elucidar e analisar acontecimentos contemporâneos que, para Carlyle, desonravam a rica nação que era a Inglaterra; 2) *The ancient monk*, um retorno ao passado medieval inglês à luz dos abades e monges de renome; 3) *The modern worker*, um apanhado da condição dos trabalhadores ingleses; 4) *Horoscope*, uma

¹⁶¹ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 73.

¹⁶² VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995, p. 84.

mescla entre previsões e soluções dadas para se reverter a condição inglesa¹⁶³. Uma obra aclamada por Engels como um trabalho humanista e com visões sociais radicais¹⁶⁴, apesar de outros escritos posteriores distanciarem Carlyle de qualquer pensamento de esquerda, liberal ou cosmopolita.

Tal obra se inicia com uma explanação da degradação da Inglaterra e da Escócia de meados do século XIX; Carlyle não consegue conceber uma terra de tantas riquezas como a Inglaterra estar morrendo de desnutrição pela discrepância entre os ricos industriais e os miseráveis trabalhadores fabris. Trabalhadores esses que produziam os usufrutos dos abastados e, mesmo assim, viviam nas Casas de Trabalho (*Workhouses*) por meio das medidas de auxílio – que mais atrapalhavam que auxiliavam a esses trabalhadores pobres – denominadas Lei dos Pobres (*Poor-laws*)¹⁶⁵. Milhares de trabalhadores sem emprego e sem alimentação – segundo Carlyle – agradeciam ao serem presos por terem o que comer¹⁶⁶. Carlyle diagnosticou a Inglaterra como uma nação cheia de energia, com uma produção capaz de suprir todas as necessidades humanas e que, mesmo assim, não estava impedindo a Inglaterra de “morrer de inanição”¹⁶⁷. Em uma visita às *Workhouses* na região de St. Ives, por Carlyle, observa-se a condição de seus trabalhadores: muitos de boa inteligência, porém com olhares envergonhados sob a humilhante situação em que se encontravam; segundo ele, centenas de milhares se fixaram nessas casas de trabalho, enquanto outras centenas de milhares nem nelas conseguiram se instalar. Com esses trabalhadores “deixados para morrer”¹⁶⁸, não

¹⁶³ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.; E.P. Dutton & Co., 1924, p. xvi.

¹⁶⁴ ROSENBERG, John D. **Carlyle and the Burden of History**. Cambridge: Harvard University Press, 1985, p. 117.

¹⁶⁵ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.; E.P. Dutton & Co., 1924, p. 1-2.

¹⁶⁶ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.; E.P. Dutton & Co., 1924, p. 2.

¹⁶⁷ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.; E.P. Dutton & Co., 1924, p. 1.

¹⁶⁸ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.; E.P. Dutton & Co., 1924, p. 3.

foi surpresa para Carlyle, o relato da prisão de uma mãe e um pai que tiraram as vidas de seus próprios filhos para salvá-los da fome e de um mundo injusto¹⁶⁹.

Um dos momentos sintomáticos dessa degradação descrita por ele, ocorreu há mais de vinte anos antes da publicação de *Past and Present*, com a chamada Insurreição de Manchester de 1819; uma revolta que foi consequência de uma série de fatores que degradaram ainda mais a condição do trabalhador inglês. Dentre as causas dessa insurreição – para além das já conhecidas condições degradantes de trabalho nos bolsões urbanos – pode-se destacar as *Corn Laws* ou Lei dos Grãos de 1815: uma lei que projetou exponencialmente a tarifa para a importação de grãos – muitos destinados às zonas urbanas – com o intuito de estimular os produtores nacionais, basicamente grandes donos de terra. A inevitabilidade da fome por falta de grãos acarretou em uma insatisfação que logo tomou as ruas de Manchester e que foi brutalmente reprimida, recebendo o nome irônico de “Massacre de Peterloo”; a necessidade de uma insurreição para evitar a fome é a necessidade mais triste para o escocês; especialmente porque não existe remédio para uma insurreição, pois ela nada passa de um mero anúncio de uma “doença”¹⁷⁰.

Ao tratar logo em seguida sobre o diletantismo – amor a um ofício sem o estudo apropriado – e sobre o mamonismo – cultura ao dinheiro – como marcas abomináveis de seu tempo, Carlyle não se difere de forma discrepante de Joseph de Maistre quanto ao “diagnóstico” da Modernidade: ambos são ferrenhos críticos da cultura do dinheiro por meio do trabalho incessante e do individualismo. Essa crítica ferrenha “à religião do deus Dinheiro” foi uma marca dos pensadores reativos à modernidade, como Weber já havia postulado sobre a *quantificação do*

¹⁶⁹ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 4.

¹⁷⁰ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 15.

*mun*do¹⁷¹. Com esses trabalhadores – não apenas de Manchester, mas de toda Inglaterra – trabalhando sem descanso para ganhar apenas o suficiente para não morrer e continuar trabalhando, “como uma nação sobreviveria?”, segundo Carlyle; o modo de vida que se desenvolveu na Inglaterra beira ao suicídio, segundo o escocês¹⁷². A crítica à sociedade industrial, individualista e de cultura do dinheiro pode ser vista na seguinte passagem:

“Shall we say then, The world has retrograded in its talent of apportioning wages to work, in late days? The world had always a talent of that sort, better or worse. Time was when the mere hand-worker not announce his claim to the world by Manchester Insurrections!- The world, with its Wealth of Nations, Supply-and-demand and such-like, has of late days been terribly inattentive to that question of work and wages. We will not say, the poor world has retrograded even here: we will say rather, the world has been rushing on with such fiery animation to get work and ever more work done, it has had no time to think of dividing the wages; and has merely left them to be scrambled for by the Law of the Stronger, law of supply-and-demand, law of Laissez-faire, and other idle Laws and Un-laws, – saying, in its dire haste to get the work done, That is well enough!”

¹⁷³.

¹⁷¹ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 58.

¹⁷² CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 20

¹⁷³ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 21. **Tradução nossa**. Podemos dizer então que o mundo retrocedeu em seu talento de distribuir salários para o trabalho nos últimos dias? O mundo sempre teve talento para isso, para melhor ou pior. Foi-se o tempo quando o mero trabalhador manual não anunciava sua reivindicação ao mundo pelas insurreições de Manchester! O mundo, com sua Riqueza das Nações, oferta e demanda e coisas do tipo, tem sido extremamente desatento para essa questão de trabalho e salários. Nós não diremos que o pobre mundo já retrocedeu até aqui: diremos que o mundo tem se apressado com uma animação tão ardente para conseguir cada vez mais e mais trabalho realizado, que não tem tido tempo para pensar em dividir os salários; e meramente deixou-os para serem embaralhados e misturados pela Lei do Mais Forte, lei da oferta e demanda, lei do *Laissez-faire*, e outras leis e violações das leis, – dizendo, em sua pressa extrema para obter a realização do trabalho: isso está bom o suficiente!

A cura para essa condição miserável não viria, para Carlyle, de paliativos nem de fórmulas mágicas aplicadas pelo Estado; não viria por nenhuma *Morrison's pill*¹⁷⁴. Nem emigrações, educação, derrubada das *Corn-Laws*, regulação sanitária: nada disso, apesar de serem importantes e defendidas por Carlyle, seria um remédio por si só¹⁷⁵. O escocês afirma que o indivíduo e a nação fogem do caminho da felicidade quando esquecem o caminho de Deus e que a Inglaterra não está com governantes sábios e seguindo por tal vereda. Carlyle vê a necessidade imediata de um governo dos sábios, de uma aristocracia do talento, pois se está, a cada hora, no caminho para a destruição. É então no capítulo de mesmo título de sua obra de 1841, *Hero Worship*, que há um resgate – com certas considerações de sua obra anterior – à necessidade da adoração aos heróis em nossos tempos, pois a adoração ao herói é algo muito maior que um parlamento eleito; o herói – agindo diferente em cada época – é a alma de todas as relações/negociações entre homens e a Inglaterra é tida como a nação que menos valoriza seus heróis para o escocês, que propõe não mostrar o caminho, mas dar uma centelha de luz a partir de alguns exemplos do passado inglês¹⁷⁶. Esse olhar sobre um passado idealizado parte de relatos que Carlyle teve acesso supostamente escritos por um monge da abadia de St. Edmundsbury na Inglaterra do século XII chamado *Jocelinus de Brakelonda*, anglicizado pelo escocês como *Jocelin of Brakelong*. Essa segunda parte de *Past and Present* – chamada *The ancient monk*¹⁷⁷ – é totalmente estruturada por Carlyle aos olhos dos documentos testemunhais desse monge, denominado pelo escocês como um espelho imperfeito¹⁷⁸. Esse retorno ao passado inglês tem sempre como norte os grandes homens, seus atos de liderança e suas relações com a fé. Carlyle procura, com a ajuda de seus leitores:

¹⁷⁴ Referência ao físico James Morrison, supostamente criador de pílulas vegetais que a tudo curavam e tratado posteriormente como charlatão.

¹⁷⁵ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 23.

¹⁷⁶ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 37

¹⁷⁷ Em tradução livre, “o monge antigo”.

¹⁷⁸ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 42.

[...] uma visão alternativa da ordem social, um *topos* idílico e luta para fazer da literatura uma forma de ação, inflamando seus contemporâneos a envisionarem e a produzirem mudança revolucionária que ele sente-se incapaz de produzir¹⁷⁹.

Antes mesmo de realizar suas considerações acerca do período de vida de Jocelin, Carlyle se volta momentaneamente ao passado de St. Edmundsbury, burgo onde está localizado o monastério de Jocelin. Tal iniciativa se deve à escrita de uma breve lembrança de São Edmundo, antigo duque da região que se tornou mártir e santo com as invasões do Grande Exército Dinamarquês – ou Grande Exército Pagão¹⁸⁰ – no século IX, especialmente – segundo Carlyle – por ter se mantido firme em suas crenças e insubmisso até sua morte. Essa lembrança do santo pode ser vista como um instrumento de santificação do mosteiro de St. Edmund que posteriormente surgiria. Com o retorno ao século XII, tendo em vista os escritos de Jocelin, Carlyle inicia uma série de digressões acerca do cotidiano monástico e encontra atribuições do líder numa figura central e corriqueiramente citada ao longo da obra: o monge – e posteriormente abade – Samson. Observado por Carlyle como um homem de origem pobre, Samson desde sua entrada no monastério de St. Edmund é visto como um homem de atributos caros ao escocês; um homem que nunca se queixava das suas funções no monastério e que cumpria seus deveres com absoluta serenidade¹⁸¹. Essa postura de Samson foi dando ao monge, ao longo dos anos, um respeito dentro do monastério, especialmente no que envolve sua obediência e silêncio em não se envolver em boataria (*gossip*) referente a terceiros; tal proeminência não tardou a ser recompensada com o posto de abade para Samson, o mais alto no monastério e no burgo ao redor. A partir da descrição das virtudes do abade, Thomas Carlyle

¹⁷⁹ ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 138.

¹⁸⁰ *Great Heathen Army*, exército escandinavo que investiu sobre os territórios das ilhas britânicas no século IX.

¹⁸¹ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. p. 70.

define a arte de saber obedecer como exigência primordial para se governar aquele que não pode ser servo de muitos, nunca será mestre, verdadeiro guia e libertador de muitos; esse é o significado da verdadeira maestria. Observa-se então que certas condições – não só para o governo, mas para se viver em sociedade – se assemelham às premissas de Burke acerca de dois pontos: 1) os homens possuem deveres que estão acima de direitos – quiçá direitos universais –, pois sempre deve haver uma responsabilidade e um zelo pelo coletivo, pelo comunitário – como no caso do humilde Samson; 2) o homem é a priori um ser religioso e todas as sociedades são fundadas a partir de um substrato religioso¹⁸² – como a suposta fé inabalada desse abade que só temia a Deus¹⁸³. Os exemplos de liderança, o ideal comunitário em St. Edmund, a forma com que Samson quitou as dívidas do monastério, toda essa estetização do passado inglês é tratada como um espelho para o cenário inglês do século XIX; esse retorno ao “diagnóstico” inglês e suas mazelas é a terceira parte de *Past and Present*, intitulada *The modern worker*¹⁸⁴.

Em contraposição ao cenário monástico medieval, ficaram as ruínas de St. Edmund nessa Inglaterra moderna, onde o único Deus visto pelos conterrâneos de Carlyle é um enorme e astronômico relojoeiro; não há mais a presença de Deus e suas leis para os que governam no século XIX. Um diagnóstico apocalíptico sobre a condição inglesa é dado nessa passagem:

[...] There is no religion; there is no God; man has lost his soul, and vainly seeks antiseptic salt. Vainly: in killing Kings, in passing Reform Bills, in French Revolution, Manchester Insurrections, is found no remedy. The

¹⁸² TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 86-107, dezembro 2015, p. 108.

¹⁸³ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. p. 125.

¹⁸⁴ Em tradução livre, “o trabalhador moderno”.

foul elephantine leprosy, alleviated for an hour, reappears in new force and desperateness hour¹⁸⁵.

Esse diagnóstico catastrófico do escocês vem acompanhado de uma descrença nas classes dirigentes, especialmente as de herança medieval. A classe aristocrática inglesa – especialmente a de terras – submergiu aos fenômenos da modernidade que Thomas Carlyle tanto critica: não era mais capaz de fazer seus deveres, apenas preocupada com seus próprios rendimentos¹⁸⁶ e com medidas parlamentares que só prejudicam os trabalhadores, como as *Corn-Laws* – o que mostra uma particularidade do pensamento *carlyleano* em se opor a outros conservadores que defendiam tal medida protecionista. O diferencial em relação aos conservadores aristocratas, donos de terra, vem exatamente da preocupação do escocês para com a classe operária pois, mesmo com a regulamentação e freio do livre mercado, a subida dos preços devido a esse protecionismo seria (e foi) sentida na carne dos trabalhadores urbanos e rurais; tal protecionismo era mais um sintoma da exclusiva preocupação monetária da aristocracia rural. Pode-se dizer que essa preocupação monetária *oitocentista* foi um problema moral central para Carlyle; ao invés da fé, das boas obras e caridades, do suposto zelo proveniente do passado medieval, a preocupação do presente é o medo de não se ser bem sucedido, de não se gerar renda e fama; um presente em que o “evangelho” mais importante é o Mamonismo (*Gospel of Mammonism*) – culto ao dinheiro. A preocupação com as leis de mercado, com o *laissez-faire* e com as horas de trabalho fizeram com que as classes dirigentes, segundo Carlyle, esquecessem que o pagamento em dinheiro não é a única relação humana possível, nem perto de ser a mais desejável. Olhando tais declarações, percebe-se o porquê de Carlyle, mesmo com objetivos discrepantes, ter ganhado

¹⁸⁵ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 132, tradução nossa. “[...] Não há religião; Deus não existe; o homem perdeu sua alma, e em vão procura o sal antisséptico. Em vão: em matar Reis, na passagem de Reforma de Contas, na Revolução Francesa, Insurreições em Manchester, não é encontrado nenhum remédio. A lepra fétida elefantisíaca, aliviada por uma hora, reaparece em nova hora de força e desespero”.

¹⁸⁶ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. p. 135.

admiração de Engels por causa dessa obra; a classe liberal seria um inimigo em comum.

A real felicidade do homem, para o escocês, é o trabalho e sua disposição para trabalhar; mesmo com um trabalho árduo e cansativo, ele não é mais do que o reflexo da própria vida para Carlyle. Logo, a sua única infelicidade não é com salários e ganho de notoriedade, mas com a incapacidade de se poder trabalhar. O trabalho para Carlyle é a única atividade que realmente fica marcada na história; por isso mesmo, realiza a dura crítica contra a aristocracia rural do século XIX que comete o ato de vender terras, sendo que a terra pertence a todos os trabalhadores de todas as gerações que nela produziram – obviamente não se trata em ceder terras aos mais necessitados, mas em tê-la como um espaço livre para o sustento de terceiros. Como já discutido antes, é em Samson que essa aristocracia trabalhadora deve se espelhar, como um dever de líderes em saber administrar e zelar por todos os que dependem de suas propriedades, não apenas visando o dinheiro¹⁸⁷. Esse diagnóstico de Carlyle sobre a perda de valores da atual aristocracia vem acompanhado da necessidade do retorno – não apenas do zelo do aristocrata para com seu povo, mas da obediência e aceitação das classes mais baixas em aceitar o que é melhor para elas. Dito isso, há em Carlyle – como na maioria dos conservadores ingleses e franceses até metade do século XIX – uma crítica sistemática aos conceitos de democracia e liberdade. Sobre a liberdade, o escocês não consegue conceber sua importância – pelo menos em sua configuração liberal – num momento em que o *laissez-faire* provoca tantas crises urbanas nas grandes cidades. Para o historiador escocês, a liberdade efetiva deve estar ligada ao senso de comunidade, de pertencimento e dentro de uma ordem social orgânica:

[...] Liberty, I am told, is a divine thing. Liberty when it becomes the 'Liberty to die by starvation' is not so divine! Liberty? The true liberty of a

¹⁸⁷ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. p. 171.

man, you would say, consisted in finding out, or being forced to find out the right path, and to walk thereon. To learn, or to be taught, what work he actually was able for; and then by permission, persuasion, and even compulsion, to set about doing of the same! That is his true blessedness, honour, 'liberty' in maximum of wellbeing: if liberty be not that, I for one have small care about liberty [...] ¹⁸⁸.

Já sobre a democracia, a maior preocupação de Carlyle foi a eterna busca de um líder/herói, mas se depara apenas com um falso-guia; o verdadeiro herói para Carlyle pode vir ou não por meios democráticos, mesmo diagnosticando a Inglaterra como uma nação que pouco reconhece um herói, muito menos como a “audível voz de Deus”¹⁸⁹. A partir dessas considerações da atualidade inglesa, junto com o passado idealizado por Carlyle, ele propõe soluções para a ausência de líderes e para as mazelas sociais que se alastraram pela Inglaterra. Essa última parte – tratada como uma urgente chamada para ação¹⁹⁰ – de *Past and Present* recebe o nome de *Horoscope*¹⁹¹.

O que Carlyle conclui desse meio século que passou até a escrita dessa obra em 1843 – Revolução Francesa, Cartismo, industrialismo – é que a Europa necessita emergencialmente de uma nova aristocracia e de um novo sacerdócio; caso contrário deixará de existir em pouco tempo. Uma sociedade sem aristocracias e com igualdade e liberdade irrestritas se provou impossível pela experiência pós-Revolução e acarretou todas essas mazelas, segundo Carlyle. A necessidade

¹⁸⁸ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. p. 204, tradução nossa. “[...] Liberdade, me disseram, é uma coisa divina. Liberdade quando se torna a "Liberdade para morrer de fome" não é tão divina! Liberdade? A verdadeira liberdade de um homem, você diria, consistia em descobrir, ou ser forçado a descobrir o caminho certo, e andar nele. Para aprender, ou para ser ensinado, para qual trabalho ele realmente era capaz; e então, com permissão, persuasão e até compulsão, começar a fazer o mesmo! Essa é a sua verdadeira bem-aventurança, honra, "liberdade" no máximo de bem-estar: Se a liberdade não é isso, eu, pelo menos, me importo pouco com a liberdade [...]”.

¹⁸⁹ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 213.

¹⁹⁰ ROSENBERG, John D. **Carlyle and the Burden of History**. Cambridge: Harvard University Press, 1985, p. 132.

¹⁹¹ Em tradução livre, “Horóscopo”, efetivamente como uma previsão.

imediate é uma classe governante e uma classe educadora que freie e conduza as classes menos favorecidas¹⁹². Essa renovação das classes governantes – ao menos em seus princípios – não é antagônico a um pensamento conservador; o cientista político turco Doğançan Özsel aprofunda a análise dessa dicotomia aparente entre conservadorismo político e *mudança*¹⁹³. Muitos concordariam, em primeira análise, com a ausência de elementos ideativos dentro da doutrina conservadora; Thomas Carlyle nos serve de exemplo contrário a essa afirmativa. O desenvolvimento de *Past and Present* – como dito – não foi meramente um exercício de retorno ao passado, mas uma busca de ideal para a solução de problemas concretos da Inglaterra *oitocentista*. Essa solução transcende a revogação da Lei dos Grãos (*Corn-Laws*) de 1815¹⁹⁴ – taxaçoão massiva de grãos importados –, uma vez que a crise dos trabalhadores das grandes cidades retornaria em vinte anos com a mesma força¹⁹⁵. Pois com um sistema “mamonista” individualizante e competitivo e um governo fundamentado no *laissez-faire*, a nação inglesa não será capaz de sobreviver, segundo Carlyle. As características marcantes do que se consolidaria como “conservadorismo paternalista” na Inglaterra estão presentes já nessas soluções de Carlyle: 1) a promoção de uma profunda reforma educacional e abrangente para as camadas menos abastadas da Inglaterra – especialmente que valorize a honra de obedecer e ser guiado pelos líderes – com serviços de ensino e secretarias de educação por todo território inglês¹⁹⁶; 2) o possível incentivo à um efetivo sistema de emigração, especialmente dos bolsões de pobreza das grandes zonas industriais. Esse

¹⁹² CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 232.

¹⁹³ ÖZSEL, Doğançan. The Theme of Chance in the Conservative Ideology. **Near East University Journal of Social Sciences**, v. 7, n. 2, 2014, p. 1.

¹⁹⁴ Cabe destacar que – mesmo com a discordância de Carlyle – as *Corn-Laws* de 1815 são exemplos de mudanças significativas por parte dos conservadores ingleses; especialmente por se adequarem ao processo de industrialização até então com pioneirismo liberal. Cf.: ÖZSEL, Doğançan. The Theme of Chance in the Conservative Ideology. **Near East University Journal of Social Sciences**, v. 7, n. 2, 2014, p. 4.

¹⁹⁵ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 247.

¹⁹⁶ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 256.

sistema ordenado de emigração é cogitado por Carlyle como produto de uma parceria com territórios ingleses nas Américas em que os trabalhadores tivessem como garantias o trabalho e o zelo de seus superiores¹⁹⁷.

Esta preocupação de Thomas Carlyle com a condição inglesa pode ser atribuída parcialmente à tentativa de se evitar mais rebeliões e insurreições radicais: os conservadores podem propor uma extensa mudança política e social para evitar mudanças radicais que podem naturalmente solapar certas “fundações” de uma sociedade específica; tanto com uma contrarrevolução – incluindo como antecipação hipotética de uma revolução, como diversos governos autoritários do século XX – como por outras vias de reestruturação social¹⁹⁸. Uma solução não-violenta proposta por Carlyle contra a massificação da miséria urbana é atribuir o problema do trabalho como uma questão que só se resolveria por agentes internos a essa atividade: os que trabalham e os que coordenam os trabalhos, incentivando os capitães da indústria a serem nobres e justos antes de se preocuparem com a questão financeira imposta pelo mercado¹⁹⁹; os capitães da indústria efetivamente liderariam os demais. O tratamento que Carlyle dá aos industriais é o de herdeiros das cavalaria medievais idealizadas pelo escocês; uma cavalaria não se sustenta pelo pagamento a ela oferecido – especialmente porque seriam facilmente manipulados por quem oferecesse mais –, mas pela confiança em seu líder. Na indústria funciona da mesma forma, segundo Carlyle: o amor dos homens não pode ser adquirido com um pagamento em dinheiro; pois se fosse desse último jeito, se beiraria à anarquia.

[...] No Working World, any more than Fighting world, can be led on without a noble Chivalry of Work, and laws and fixed rules which follow out of that, – far nobler than any Chivalry of Fighting was. As an anarchic

¹⁹⁷ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 257.

¹⁹⁸ ÖZSEL, Doğançan. The Theme of Chance in the Conservative Ideology. **Near East University Journal of Social Sciences**, v. 7, n. 2, 2014, p. 9.

¹⁹⁹ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 260.

multitude on mere Supply-and-demand, it is becoming inevitable that we dwindle in horrid suicidal convulsion and self-abrasion, frightful to the imagination, into [...] Workers [...] ²⁰⁰.

Esse comparativo entre a cavalaria medieval e os industriais elucidada como Thomas Carlyle não enseja o retorno de um *status quo* do passado, mas de um novo *status quo* adaptado à atualidade, uma vez que Carlyle enfatiza a aceitação de uma nova época, sem poder lutar contra o relógio do tempo. Além do mais, alguns elementos do medievo inglês não são passivos de resgate nem de preservação para os dias atuais, como o catolicismo – uma vez que para além do calvinismo de criação, Carlyle via muito mais coerência com suas propostas o metodismo anglicano wesleyano, que pregava o trabalho árduo da fé²⁰¹. Para o escocês, se para a sociedade inglesa aceitar sua mudança social e se reformar for preciso inúmeras Revoluções Francesas como aviso, este é um preço a se pagar.

Ao enfatizar essa nova Era inglesa que estava por vir com essas recomendações, Carlyle enfatiza a importância da submissão das classes desfavoráveis às decisões do líder e guia. Prenunciando os regimes de escrita que marcaram sua carreira após *Past and Present* – especialmente pelo apoio cada vez mais aparente de governos autoritários e de culto ao estadista – Carlyle comenta sobre a possibilidade de se viver em liberdade no despotismo:

²⁰⁰ CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 263, tradução nossa. “[...] Nenhum Mundo Operante, mais do que o Mundo da Luta, pode ser conduzido sem uma nobre Cavalaria do Trabalho, e leis e regras fixas que resultam disso – muito mais nobres do que era qualquer Cavalaria de Luta. Como uma multidão anárquica à mera oferta e demanda, está se tornando inevitável que nos reduzamos a uma terrível convulsão suicida e auto-abrasiva, assustadora para a imaginação, [...] para os Trabalhadores [...]”.

²⁰¹ “Movimento religioso criado na Inglaterra em 1739 pelos irmãos John e Charles Wesley e o pregador George Whitefield, do qual se originaram, posteriormente, numerosas ramificações. Tomando as Escrituras como fonte exclusiva de sua crença, os Metodistas reafirmam os dogmas da Santíssima Trindade e da divindade de Cristo, estendendo a todos a possibilidade de salvação eterna por meio de cooperação ativa com Deus no exercício da fé, bem como pela prática de caridade e da reforma social”. Cf. ARTHMAR, Rogério. Ética Calvinista, Idealismo e Revolução: Carlyle e a Crítica da Economia Vitoriana. **Estudos Econômicos**. São paulo, v. 35, nm 2, p. 335-357 abril-junho, 2005, p. 338.

A question arises here: Whether, in some ulterior, perhaps some not far-distant stage of this 'Chivalry of Labour,' your Master-Worker may not find it possible, and needful, to grant his Workers permanent *interest* in his enterprise and theirs? So that it become, in practical result, what in essential fact and justice it ever is, a joint enterprise; all men, from the Chief Master down to the lowest Overseer and Operative, economically as well as loyally concerned for it?—Which question I do not answer. The answer, near or else far, is perhaps, Yes;—and yet one knows the difficulties. Despotism is essential in most enterprises; I am told, they do not tolerate 'freedom of debate' on board a Seventy-four! [...] And yet observe there too: Freedom, not nomad's or ape's Freedom, but man's Freedom; this is indispensable. We must have it, and will have it! To reconcile Despotism with Freedom:—well, is that such a mystery? Do you not already know the way? It is to make your Despotism just. Rigorous as Destiny; but just too, as Destiny and its Laws. The Laws of God: all men obey these, and have no 'Freedom' at all but in obeying them. The way is already known, part of the way;—and courage and some qualities are needed for walking on it! [...] ²⁰².

Carlyle desenvolve sua obra fazendo um comparativo entre o homem sábio e pastoril das abadias medievais, onde os camponeses ao menos tinham dignidade, mesmo sem liberdade e a situação atual inglesa. Foi a partir dessa concepção de medievalismo, que Carlyle propõe a adaptação do paternalismo feudal para a

²⁰² CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924, p. 271, tradução nossa. "Surge aqui uma questão: Se, em algum estágio ulterior, talvez algum futuro não muito distante desta "Cavalaria do Trabalho", seu Mestre-Trabalhador não achar possível, e necessário, conceder a seus Trabalhadores *interesse* permanente em seu empreendimento e no deles? De modo que se torne, em resultado prático, o que em fato essencial e justiça sempre é um empreendimento conjunto; todos os homens, desde o chefe dos mestres até o mais baixo superintendente e operativo, tanto economicamente como lealmente preocupados com isso? – tal pergunta eu não respondo. A resposta, perto ou longe, talvez seja, Sim; – e ainda assim se conhecem as dificuldades. O despotismo é essencial na maioria das empresas; Disseram-me que não toleram a liberdade de debate a bordo de um grupo de setenta e quatro! [...] E ainda observe também: Liberdade, não a liberdade do nômade ou do macaco, mas a liberdade do homem; isso é indispensável. Nós devemos ter isto, e teremos isto! Para reconciliar o despotismo com a liberdade: bem, isso é um mistério? Você ainda não conhece o caminho? É para fazer o seu despotismo justo. Rigoroso como Destino; mas também, como Destino e suas Leis. As Leis de Deus: todos os homens obedecem a estas, e não há "Liberdade", a não ser em obedecê-las. O caminho já é conhecido, parte do caminho – e coragem e algumas qualidades são necessárias para andar sobre ele! [...]".

sociedade industrial, onde os que detinham a riqueza teriam direitos e deveres e deveriam zelar pelos menos favorecidos – o herói de Carlyle não era preso à hereditariedade; foi só após 1843, com escritos sobre grandes estadistas que Carlyle passou a considerar também o sangue. Exemplo desse zelo era o do abade Samson, que não possuía qualquer linhagem. O medievalismo então atinge sua projeção máxima na formação do herói em Carlyle: um líder industrial que fosse capaz de harmonizar – nunca igualar – as classes vigentes na Grã Bretanha do século XIX rumo a uma era de prosperidade. Quis Carlyle então uma liderança zelosa dos industriais sobre os trabalhadores, com uma justiça e segurança acima da liberdade e da democracia²⁰³. A historiadora Débora El-Jaick Andrade enfatiza o propósito de Carlyle com essa nova liderança; segundo ela o escocês:

[...] acredita que se um soberano ou a nobreza de sangue e de direito não exerce a função que lhe cabe, se o critério do mérito não funciona mais para a sociedade do século XIX, então é preciso substituí-lo por outro princípio de escolha dos soberanos que inclua o mérito, as virtudes, a ordem e a eliminação da anomalia, da aristocracia decadente e sua substituição pela aristocracia de talento, o que não significa subversão, fim da ordem, mas a restauração de uma ordem perdida ²⁰⁴.

A liberdade política só seria válida nos controles e delimitações duma sociedade hierarquizada e paternal; fora desta, a liberdade não passava de um puro egoísmo e descaso do homem com seu mundo, segundo Carlyle. O pensamento conservador se mostra aqui como um reformismo profundo e necessário, segundo seus defensores, para se evitar uma rebelião ou revolução. O cientista político Özsel percebe então que o conservadorismo pode promover extensas mudanças sociopolíticas para prevenir o radicalismo que destruiria uma suposta substância da sociedade. Nesse caso não seria uma preservação do *status quo*, mas um novo *status quo* como ele deveria ser – aos moldes da ordem medieval, segundo

²⁰³ CHANDLER, Alice. **A Dream of order: the medieval ideal in 19th century English literature.** Nebraska: University of Nebraska Press, 1970, p. 148-150.

²⁰⁴ ANDRADE, D. E. J. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem.** Rio de Janeiro, UFF, 2002, p. 236.

Carlyle; e esse reformismo pôde ser visto nesse alívio da pobreza, nesse paternalismo, nesse retorno à fé frente ao Deus relojoeiro e nesse senso comunitário defendido pelo escocês acima de qualquer interesse financeiro.

CONCLUSÃO

Os dilemas e desafios do cenário inglês *oitocentista* podem ser considerados a força motriz das motivações dos escritos de Thomas Carlyle. As transformações sociais provenientes da industrialização e racionalização do trabalho na Inglaterra reconfiguraram o espaço das zonas urbanas inglesas e consolidaram a hegemonia da classe burguesa como força intelectual e financeira desse momento. Essa nova configuração trouxe desafios sobre as condições da classe trabalhadora. O tempo de trabalho, antes regido pelos fenômenos da natureza e pela iluminação natural, deu lugar à iluminação por gás, a um tempo mecânico e útil de vinte e quatro horas, aumentando o tempo de permanência dos trabalhadores nas fábricas e na produção, enquanto recebiam salários incompatíveis para demandas mínimas de sobrevivência. O caótico crescimento demográfico no início do século XIX nas zonas urbanas culminou na concentração desenfreada de bolsões de pobreza e de cortiços sem planejamento em regiões espaçadas de Londres, podendo destacar-se East End, bairro com pouca ação estatal e de profundos problemas sanitários para sua moradia. Carlyle – assim como diversos escritores empáticos a essas condições de vida, como Jules Michelet e Charles Dickens – não poupou esforços para denunciar as condições degradantes e alienantes desse trabalho repetitivo e exaustivo.

As constantes crises e o descaso estatal com o operariado – especialmente pela influência liberal de proposições individualistas e antiassistencialistas – culminaram numa sequência intermitente de revoltas e levantes, em especial do movimento cartista. As soluções apresentadas pelo Estado inglês não foram bem sucedidas segundo o ponto de vista dos críticos desse cenário: Casas de Trabalhos, Lei dos Pobres, Lei dos Grãos, falta de fomento à educação; tudo isso foi a fagulha para mais e mais críticas por parte de Thomas Carlyle, demandando e conclamando por um governo de profundas reformas estruturais.

Nesse intervalo de indignação com os valores cultivados a partir do *laissez faire*, Carlyle também se dedicou à escrita da História, especialmente para encontrar nas representações do passado um exemplo de sociedade ideal e comunitária. Seus trabalhos de tradutor de obras germânicas no início de sua vida adulta deram lugar às reflexões histórico-biográficas que culminaram na produção de tratados sobre os grandes homens e como eles guiaram os povos de seu tempo, sendo esses líderes confundidos com a própria escrita da História Universal.

As análises das obras historiográficas de Carlyle por muito tempo se mostraram escassas pelas correntes do século XX, especialmente pela suposta – e improcedente – influência do escocês na consolidação da ideologia fascista. Parte de sua repulsa por parte de alguns historiadores já podia ser vista no período do Entre Guerras, especialmente pelo “prussianismo” de Carlyle na obra sobre Frederico II e seu apoio à Prússia no confronto com a França entre 1870 e 1871. Entretanto, a crise dos governos democráticos e ascensão dos regimes totalitários em países arrasados pela Primeira Guerra – especialmente Itália e Alemanha – foi crucial para reacender os debates nos escritos de Carlyle como parte ou não da genealogia do extremismo de direita: fascismo e nazifascismo. O historiador Jurandir Malerba cita:

Como em seus estudos históricos, Carlyle insistia na importância do indivíduo e levantava sérios senões à democracia, à perseguição em massa e à política. Tais concepções acabaram por isolá-lo das vertentes liberais e democráticas de sua época. No século XX, sua reputação se arrefeceu, em parte por causa de sua confiança na autoridade e sua admiração pelos líderes poderosos, que foram interpretadas como um prenúncio do nazismo. Conta-se a estória de que, por volta do final da II Guerra em 1945, Goebbels teria apresentado à Hitler a obra de Carlyle sobre Frederico, o Grande ²⁰⁵.

²⁰⁵ MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.) **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 195.

Contudo, observou-se que as similitudes não ofereceram influência direta de seus escritos para tal ideologia, nem abrangem as particularidades cruciais de Thomas Carlyle na hora de traçar tal comparativo.

Coube destacar que o resgate de certos valores importantes para Carlyle em *Past and Present* foi fenômeno de uma escrita romântica que resgatava um passado medieval imaginativo, chamado de *medievalismo*; esse retorno ao medievo foi uma forma de confronto e/ou refúgio por parte de escritores do século XIX frente às mudanças tecnológicas e filosóficas que interferiam diretamente na antiga forma orgânica de se relacionar em sociedade; processo descrito por Weber como *desencantamento do mundo*. O uso desse retorno foi ferramenta principal para Thomas Carlyle direcionar as mazelas que a Inglaterra vivia e como o passado composto por lideranças e por uma solidariedade paternalista inerente.

A partir da discussão do moderno conceito de “ideologia”, percebeu-se como o conservadorismo – apesar de submetido à sua historicidade, sem uma definição abrangente que englobe todas as proposições envolvidas – possui certas características em comum, especialmente a reação contra a chamada Modernidade, reação essa que assumiu e ainda assume diversas facetas. Coube destacar duas dessas facetas no século XIX: enquanto na França tal doutrina se refugiava no retorno ao Antigo Regime e ao restabelecimento do poder da aristocracia francesa – encarnada por Joseph de Maistre, o conservadorismo inglês não rejeitava a inovação e a industrialização, mas mantinha um forte ensejo em manter uma sociedade paternalista e livre dentro dos limites da tradição. Foi a partir dessa análise que se inferiu um conservadorismo menos reacionário e mais reformista por parte de Thomas Carlyle, o qual – a partir de *Past and Present* – dissertou sobre a condição inglesa e quais as alternativas por ele consideradas possíveis a partir de um olhar ao passado medieval; o líder de Carlyle restabeleceria a ordem, controlaria as convulsões políticas e insatisfações da classe trabalhadora a partir da centralização do poder, assumindo uma faceta paternalista com seus cidadãos.

A falsa premissa ponderada e não ideológica do pensamento conservador, defendido por muitos de seus partidários, foi colocada por terra a partir dos diversos exemplos reformistas oferecidos por Carlyle como saída para a questão social inglesa; enaltecendo um líder forte e responsável contra o *laissez faire* e contra revoluções. A empreitada de tal estudo visou a todo o momento uma tentativa de discussão acerca do conservadorismo numa realidade atual – não só brasileira – em que tal ideologia retornou a se esvaziar de sentido e passou a ser, erroneamente, uma tratativa sobre a própria natureza humana.

BIBLIOGRAFIA

Fontes analisadas

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: EDIPRO, 2014.

CARLYLE, Thomas. **Critical and miscellaneous essays: collected and republished**. London: Chapman & Hall, 1893.

CARLYLE, Thomas. **English and other critical essays**. London: Dent and Sons Ltd, 1925.

CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

CARLYLE, Thomas. **Past and Present**. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924.

HERDER, Johann Gotfried. **Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade**. Lisboa: Edições Antígona, 1995.

MAISTRE, Joseph de. Considerações sobre a França. In: SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Demais referências

ADORNO, Theodor Wiesengrund.; ŽIŽEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ANDRADE, Débora El-Jaick. **Escrita da História e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis**. História & Perspectivas, v. 35, p. 211-246, 2006.

ANDRADE, Débora El-Jaick. **O paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao Grande Homem**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

ARTHMAR, Rogério. Ética Calvinista, Idealismo e Revolução: Carlyle e a Crítica da Economia Vitoriana. **Estudos Econômicos**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 335-357, 2005.

BENTLEY, Michael. **Modernizing England's past: english historiography in the age of modernism, 1870-1970**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2005.

BIASUTTI, Rusley. **Nietzsche contra Nietzsche: linguagem, história e política. Um estudo sobre a Segunda Consideração Intempestiva**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

BISHIRJIAN, Richard J. Carlyle's Political Religion. **The Journal of Politics**, v. 38, n. 1, p. 95-113, 1976.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. "Carlyle: A Revolução Francesa e o Engendramento dos Tempos Modernos". **Revista Brasileira de História: Reforma e Revolução**. São Paulo: ANPUH, n. 20, p. 101-112, 1991.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BUTTERFIELD, Herbert. **The whig interpretation of history**. London/New York: W. W. Norton & Company, 1965.

CHANDLER, Alice. **A Dream of order: the medieval ideal in 19th century English literature**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970.

HOUGHTON, Walter E. Victorian Anti-Intellectualism. **Journal of the History of Ideas**, University of Pennsylvania Press, v. 13, n. 3, p. 291-313, 1952.

JONES, Iva G. Trollope, Carlyle, and Mill on the Negro: An Episode in the History of Ideas. **Journal of Negro History**, v.52, n. 3, p. 185-199, 1967.

KONDER, Leandro. **Fourier, o socialismo do prazer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEFEBVRE, Georges. **1789: o surgimento da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LOPES, Renato. Thomas Carlyle (1795-1881) In: MARTINS, Estevão Rezende (Org.). **A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia, o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MALERBA, Jurandir. Thomas Carlyle. In: MALERBA, Jurandir (Org.) **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). **Karl Mannheim: sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.

MCCOLLUM, Jonathon Claymore. **Thomas Carlyle, Fascism, and Frederick: From Victorian Prophet to Fascist Ideologue**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Department of History, Brigham Young University, Provo.

OAKESHOTT, Michael. Ser conservador. In: OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Tradução de André Bezamat. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

ÖZSEL, Doğançan. The Theme of Chance in the Conservative Ideology. **Near East University Journal of Social Sciences**, v. 7, n. 2, 2014.

RAMOS, André da Silva. **Robert Southey e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana.

ROSENBERG, John D. **Carlyle and the Burden of History**. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

SHERMAN, Stuart F. Carlyle and Kaiser Worship. **The Nation**, p. 286-289, 14 September 1918.

SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 6, p. 42-63, 2011.

SOARES, José Miguel Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TREVOR-ROPER, Hugh R. **History and the Enlightenment**. New Haven: Yale University Press, 2010.

TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. Conservadorismo: perspectivas conceituais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2015.

VINCENT, Andrew. British Conservatism and the Problem of Ideology. **Political Studies**, v. 42, n.2, p. 204-227, 1994.

VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WHITE, Hayden V. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução de José Laurênio de Melo. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.